

Eduardo Rômulo Bueno
Jornalista

Buscar indivíduo-outro e cantar ã si mesmo: a grande droga que é o mundo sob as asas de Peninha

Ao desconhecido não-avisado e carregado de pré-conceitos próprios, a primeira imagem de Eduardo Rômulo Bueno pode arriscar-se nos campos daquilo que o escritor mais se distancia: *campos*, pois sim, dos pampas do gaúcho arrogante, cheio de si e dono do mundo. Ao contrário, sentirá o leitor atento, se desenvolve nosso entrevistado nas brincadeiras explosivas de um homem doce em preocupação atenta a toda a humanidade.

Eduardo, aquele-que-jamais-prepara-palestras-ou-discursos, abre a nossa conversa em proposta de apresentação quase ensaiada da própria arrogância – não de gaúcho, mas de jornalista! –, se lança ao mundo então seguro de não olhar para trás (para si mesmo), porque se perceber é se limitar. Que o leitor desatento emprestemos a atenção: o gremista, gaúcho-não-praticante, não é um homem fácil, limitável: nem têm como ser estas palavras correndo a vossos olhos em papel macio.

O jornalista é então Peninha, personalidade-irmã, gêmea maligna que grita, esperneia e protesta não por prazer, mas por rebeldia. Como o impossível (seria mesmo?) rebelar da pena a desfavor do vento, clama por olhos e ouvidos abertos ao redor, para si e para o mundo: gritar porque todos calam, saltar onde todos sentam e questionar quando todos concordam. Mais que um “porquê”: “quem?”, clamam os gritos do homem-pato desastrado saído da Disney. Quem somos verdadeiramente e como buscamos nos fundir com os eu-verdadeiro das pessoas ao nosso redor?

Então a história começa no desejo de um jornalista insatisfeito com o país, o mundo. Para falar de um Brasil não como história de terras, mas de um pulsante magnífico colorido infinito que é o povo, aqui sob quatro adjetivos, ainda sempre longe da perfeição. Perfeição que o contador (aquém

da formação histórica acadêmica) busca apenas na própria modéstia – brilhante, reluzente, a maior do mundo –, jamais nas pessoas, nas histórias ou em si próprio.

Eduardo é pavio aceso em dinamite de desenho animado, pronto a ser apagado ao menor toque que se proponha a conhecê-lo. O budista fiel – e não tão praticante quanto gostaria de admitir – dissolve-se nas pessoas: na força encontrada apenas aos braços do indivíduo. Que não se confunda em egocentrismo: acredita no indivíduo que se constrói para se relacionar, receber parcelas do *outro* e doar um pouco de si mesmo. Multidões jamais – diria “não tenho saco para humanos em grupo” – e coletivos sempre: acredita no potencial humano de se causar e compartilhar experiências.

O gremista grita amor e ódio aos quatro ventos, seja aos futebolísticos arquirrivais colorados, às regiões de um Brasil que escreve, a um planeta insatisfeito ou à esposa que recebe beijos ao telefone em plena entrevista (“Uma santa, pra ter de me aguentar”). Que os palavrões altos e as indignações assumidas não se confundam com maldades: valoriza cada ser humano, de cada momento, em cada lugar, como potenciais irmãos e irmãs dentro do peito magro – mas reconhece os defeitos deles e delas, desde Bob Dylan até o Sudeste brasileiro.

Em genuínas graças a Deus por ter sempre sido *doidão*, Eduardo Bueno não se limitaria às páginas de uma revista nem sob vontade. Nas palavras que não acabam e no pensamento que não se esgota, homenageia os ídolos do *panteão* dele – presentes fotograficamente em cada dia de trabalho – ao tentar manifestar-se como é, sem reservas e, especialmente nas páginas que seguem, sem censura.

Que Eduardo, a pessoa, o indivíduo, revele-se agora aos olhos de quem lê.

Ficha Técnica

Equipe de produção:
Hélio Grangeiro
Jadriel Lima

Entrevistadores:
Amanda Matos
Ana Maria Rodrigues
Breno Reis
David Medina
Drielle Furtado
Hélio Grangeiro
Jadriel Lima
Mariângela Chagas
Nathanael Filgueiras

Texto de Abertura:
Hélio Grangeiro

Fotografia:
Jonas Araújo



Entrevista com Eduardo Bueno, no dia 08 de novembro de 2014.

Eduardo - E vocês, com as suas ideias pré-concebidas já, né? Alguns devem ter pensado: é o típico arrogante gaúcho. Mas não, até porque eu sou gaúcho, mas não exerço. Eu sou gremista. Há uma diferença. É uma forma superior de ser gaúcho. Eu estou agindo é com a arrogância típica do jornalista. Porque o jornalista é o cara que exerce uma das profissões mais arrogantes e prepotentes do mundo. Por quê? Porque há uma parte do princípio que ele *tá* qualificado *pra* descrever uma pessoa ou um acontecimento com distanciamento e com objetividade. E já está provado, antológica e filosoficamente, que é impossível você descrever qualquer coisa com esse distanciamento e com essa objetividade. O jornalista, quando chega *pra* fazer ou uma reportagem ou uma entrevista, ele já tem – e é natural que assim seja – ideias pré-concebidas do que vai fazer. Então...

Hélio – (*interrompendo*) Eduardo, deixa eu aproveitar o que você *tá* falando, porque a gente vai começar, na verdade, falando da sua vida como jornalista, o início na carreira. Eu quero perguntar sobre aquilo ou aqueles fatores que o levaram a escolher o jornalismo, esse interesse pela área, e sobre a maneira como você entrou também (*na profissão*).

Eduardo – Desde o começo da minha vida, descobri que a fabulação e o vínculo com a palavra, tanto escrita por outros, como depois eu vim a descobrir que também poderia ser escrita por mim, era meu único caminho de salvação. Porque eu sentia um desconforto muito grande com relação ao meu papel no mundo, na família, no colégio, em todas as estruturas vigentes. É até engraçado – eu *tava* lendo a entrevista do Xico Sá (*jornalista colega de trabalho do Extra Ordinários, do canal SporTV, entrevistado na edição número 32 da revista Entrevista*), feita pela turma que antecedeu vocês – que às vezes você vê a narrativa de caras que têm uma trajetória nas artes ou nas Letras, digamos, e vários deles têm essa infância meio *Severina*, e ainda mais o Xico Sá que veio aqui do Nordeste. E você tem um natural pendor: “Uau, o cara suplantou tantas dificuldades”, esquecendo das dificuldades vividas pelo pobre menino rico, no caso eu (*fala rindo*).

Eu nasci numa família de classe *A-hahaha*. Meu pai (*Milton Bueno*) era ligado à direção

do Unibanco (*União de Bancos Brasileiros, que se fundiu com o banco Itaú em 2008, tornando-se Itaú Unibanco*). Ele ganhava um dinheiro. Haviam oito empregados na minha casa, *pra* você ter uma ideia. Em geral, quando um cara fala que nasceu rico, todo mundo dá uma olhadinha meio de inveja. Em tese, né? E o outro: “Ah, o outro nasceu no Crato”. Cara, mas você não imagina que tipo de prisão pode ser essa (*nascer em família rica*), se você é um desadaptado, entendeu? Acho que, bem entre aspas, “cada um sabe a delícia e a dor de ser o que é”, a velha frase. Mas por um lado, na época, pelo menos, eu preferia ter nascido no Crato. Até no Crato! (*Grita*). Essa desadaptação encontrava uma válvula de escape muito rápida nos livros. Meu pai era letrado, graças a Deus. Eu tenho sete mil livros hoje, a minha biblioteca. Porém eu já me livre de dois mil! Meu pai tinha em torno de dois mil. Ele era um financista, ele curti esse jogo do dinheiro, que eu nunca curti. Ele gostava de ganhar dinheiro em transações financeiras, essa era a profissão dele, só ganhava o salário dele e foda-se. Tanto é que, conforme ele prometeu, nós não herdamos absolutamente nada dele. Meu pai tinha um lado meio *beat, beatnik*. Mas o fato é que ele tinha essa biblioteca e essa biblioteca logo se revelou o quarto encantado.

Eu mergulhei muito cedo nesse mundo de letras. E muito cedo, aprendi que eu poderia, emulando, imitando os caras que eu gostava e lia, escrever também. É engraçado que o meu primeiro livro, que eu escrevi com oito anos de idade – eu ainda tenho os cadernos-espírais – é um livro que indica o que eu viria a fazer depois: ser um mero compilador de ideias dos outros (*ri*). Era um livro sobre o Egito antigo. Eu tinha plena convicção que eu tinha vivido no Egito numa vida anterior, convicção que ainda tenho – basta tomar os produtos certos que *dá* pra acessar essas vidas anteriores e... (*risos*). Meu primeiro tema de interesse na vida era o Egito. Comecei a ler tudo o que eu encontrava sobre e resolvi escrever sobre o Egito. Eu pegava vários livros, tirava trechos um por um e misturava. E eles acabavam ficando meus. Porque quem fazia o corte, aspas, a edição era eu. E também descobri, inconscientemente, como você não só pode como deve se apropriar das ideias dos outros. Ah!

Hélio, Jonas e Ronaldo buscaram Eduardo no Aeroporto Internacional Pinto Martins, em Fortaleza, no dia sete de novembro. Eduardo os cumprimentou com: “Eu sabia que acharia vocês se procurasse pelas pessoas mais feias do saguão!”

No voo de Porto Alegre a São Paulo, Eduardo liderou um movimento de “libertação” dos passageiros, então impedidos de sair da aeronave por quase duas horas, após episódio envolvendo um (perdido) cigarro de maconha a bordo.

Eduardo é um defensor veemente de uma discussão mais ampla e compreensiva em relação ao uso de drogas e crítica a posição "hipócrita" assumida socialmente em torno do assunto



Afinal um dos meus maiores ídolos, o Bob Dylan, ele copia tudo. Mas o jeito que ele copiou é só ele que seria capaz de fazer. Quem me dera inclusive eu fosse um copiador que nem ele, né?

Jadiel – Mas nessa sua forma de registrar as coisas que lia, você já tinha consciência de que era jornalismo? Como é que você foi ter consciência?

Eduardo – Não, eu tinha zero consciência de que era jornalismo. Eu queria ser egíptólogo e arqueólogo. Concluí logo que para ser arqueólogo, principalmente, tinha que ter dentro as suas qualidades a meticulosidade e a paciência. Eu nunca tive nenhuma das duas, nem um arremedo (*ri*). E eu nunca tive método. Meu método sempre foi errático. Mas veio a coisa da palavra e a necessidade vital de escrever. Veio também uma paixão por futebol, pelo glorioso Grêmio, o que me fez começar a escrever sobre os jogos do time, lá pelos dez, 11 anos de idade. Porque vocês sabem – isso tem de ficar registrado – que a imprensa é vermelha (*fala gritando ao gravador*)! A imprensa, além de petista e vermelha, ainda é colorada! Todo mundo é um *protocolorado*. Todo mundo tem um colorado escondido dentro de si! E a gente tem de se revoltar... Não (*volta ao tom normal, o que faz a equipe rir*), mas eu lia as coisas e ficava: “Não estão vendo o jogo do jeito que eu vi! Eu vou escrever o jogo do jeito que foi!” Incrível isso, né? Porque tem a ver com a natureza do jornalismo, tem a ver com essa natureza de você ter o seu olhar, tem a ver com aquela história de paixão, de que jeito

você mistura ou não mistura sua paixão com o jornalismo, entendeu?

Aquilo para mim não era jornalismo, mas começou obviamente a encaminhar minha carreira para o jornalismo esportivo. Tanto é que, quando eu fui fazer o vestibular, não restava outra possibilidade para mim que não fosse o jornalismo. Porque eu já tinha concluído que eu não ia fazer história. Eu já era meio refratário às estruturas fixas da história, da historiografia. Todos os historiadores que eu gostava tinham um viés muito mais literato do que propriamente historiográfico. Dois nordestinos que mudaram minha vida: Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo, que eram historiadores, mas escreviam como grandes romancistas.

“Então decidi entrar no jornalismo. Foi uma opção bem extraordinariamente consciente, para um garoto que tinha dezessete anos de idade e fumava um todo dia”

Fizemos contato com Eduardo inicialmente por meio de Cláudia Saraiva, secretária dele na editora Buenas Ideias. Sem a cooperação, insistência e paciência de Cláudia, esta entrevista provavelmente nunca teria se concretizado.



O Sérgio Buarque de Holanda também. Eu digo: "Bacana, eu não vou entrar na UFRGS (*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*) para estudar história". E, além do mais, porque vai demorar muito *pra* eu ter uma profissão em função disso. Então decidi entrar no jornalismo. Foi uma opção bem extraordinariamente consciente, para um garoto que tinha 17 anos de idade e *fumava um (faz sinal de "baseado" levando as mãos à boca) todo dia*, que vivia meio doidão.

E aí, *pá!* O pobre menino rico vira o favorecido menino rico. Porque o meu pai e a minha mãe (*Beatriz Bueno*) eram amicíssimos dos donos da RBS (*grupo empresarial de comunicação filiado à Rede Globo, responsável também pelo Jornal Zero Hora*), amicíssimos. Meu pai era muito amigo do Maurício Sirotsky, fundador da RBS, e a minha mãe prima do Fernando Ernesto Corrêa, que era vice-presidente da RBS, para quem eu fui pedir emprego. Eu passei no vestibular, em janeiro de 1976. E a primeira pessoa que veio me cumprimentar foi ele mesmo, porque ele morava lá na zona dos ricos, perto da minha casa. Vinha fazendo o *jogging (modalidade de atividade física, pique)* dele, as pessoas tudo fazendo *jogging*, já fazendo *jogging* em 76. E no meio do *jogging (falando sempre bem acentuadamente a palavra "jogging")* dele ele cruzou comigo e disse: "Ah, eu li" – no jornal dele (*Zero Hora*) – "o teu nome na lista dos aprovados. Por que você não vai lá pedir emprego?" E eu fui e...

Hélio – (*interrompendo*) Isso foi por comodidade, por saber da possibilidade ou por

afeição mesmo ao veículo?

Eduardo – Não, não tinha a menor afeição pelo veículo. Nunca tive a menor afeição pelo veículo (*risos*).

David – Era por vontade de praticar?

Eduardo – Era vontade de praticar jornalismo e era o canal, por ali. Fui direto na maior ingenuidade, eu tinha 17 anos, direto no quarto andar, onde ninguém podia nem ir – depois demorei anos para voltar lá – e o cara (*Fernando Ernesto Corrêa*) disse: "O que é que você quer fazer?" Eu disse: "Eu quero escrever sobre o Grêmio, porque só tem colorado nessa porra, esses filhos-da-puta". E ele é gremista fanático: "Você quer Esporte, então espera aí. Quem é o chefe de Esporte?" (*refere-se à seção do jornal. Eduardo imita um tom de voz ranzinza*). Com esse tom. Responderam que o chefe estava viajando porque era aquele torneio do bicentenário da independência norte-americana e teve um torneio de futebol. O Brasil foi campeão, até. E levou dois jogadores horroresos do Grêmio, o Neca e o Beto Fuscão (*risos da turma*). E o cara, que era o chefe do Esporte, estava cobrindo esse campeonato, nos Estados Unidos. "Quem é que tá no lugar dele?!" (*perguntou o vice-presidente da RBS*). Disseram: "É o Fulano lá, o Ronaldo...". O Ronaldo, esse tipo de gente assim (*apontando para o professor Ronaldo entre risos*). Veio um cara, o que me apelidou de Peninha depois. E ele pior que era parecido com ele (*o professor Ronaldo Salgado*) mesmo, porém era mais curvado. Entrou. Tinha certeza que ia ser demitido, né? Chamado na

Só falamos diretamente com Eduardo ao telefone por duas vezes: para confirmar a presença e no dia da chegada – ligação que Hélio considerou rejeitar, acreditando em um possível telemarketing de um DDD distante às oito da manhã de sexta-feira.

Durante a entrevista, em momentos de exaltação, ou quando imitava outras pessoas, Eduardo mudava bruscamente o volume de voz. O que foi doloroso para os ouvidos de Hélio e Jádriel durante a transcrição de mais de três horas de conversa.

Consideramos uma pena termos de trocar os "tu" por "você" na edição do material, por motivos de formalidade. Adoraríamos contemplar as marcas de oralidade sulistas, assim como os inúmeros "bá" e "barará, barará, barará".

"O apelido me tirou um pouco dessa coisa da seriedade. Não que eu tenha tanto interesse na seriedade."

sala do vice-presidente. Nunca tinha ido. E ele chegou, entrou. E o cara disse assim...

Jadiel – ...Qual era o nome dele?

Eduardo – É Mauro Toralles e o apelido é Boró. O filho-da-puta tá vivo e é a mesma pessoa. O vice-presidente chegou pro cara e disse: "Esse aqui é o Eduardo Bueno, amigo da casa, e ele vai trabalhar no Esporte". O cara disse: "Não tem vaga no Esporte". Ele olhou pro cara (*Boró*) e disse: "Esse aqui é o Eduardo Bueno, amigo da casa, ele vai trabalhar no Esporte". *Paw!* (*Eduardo faz cara de espanto*). (*Eu*) me fodi. O cara desceu, reuniu a equipe e disse: "Ó, atendi um filho-da-puta lá em cima", isso depois ele me contou. "Um filhinho-de-papai, um escroto, um canalha que foi lá pedir emprego ao Fernando Ernesto. Ele vai trabalhar aqui e nós vamos foder com ele". Eu ia começar na semana seguinte. E o meu irmão (*Fernando Bueno*) é fotógrafo e tinha trabalhado anos na *Zero Hora*, tinha recém-saído. A história se espalhou num rastilho de pólvora

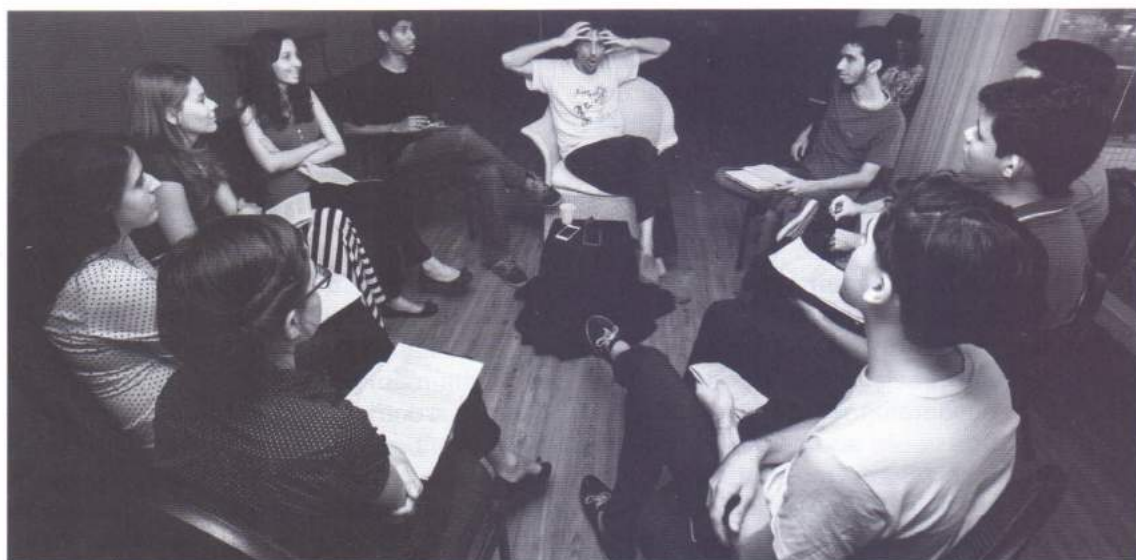
pela *Zero Hora* e chegou na Fotografia. Um dos caras muito amigo do meu irmão na Fotografia ligou pra ele e disse: "Cara, o que é que teu irmão fez?". Meu irmão disse que não sabia. O cara explicou a situação: "Ele criou uma porra aqui, o voo da maconha. Só se fala no nome dele, tá toda a redação preparada pra destruir ele". "Mas o que é que ele fez?" meu irmão perguntou. E o cara respondeu: "Não sei. Só sei que ele pediu emprego, mandou que dessem emprego para ele e os caras vão foder com ele. Diz pra ele não vir". Meu irmão me liga e diz: "O que é que você fez, seu idiota, seu animal, seu imbecil!" (*imitando uma voz também ranzinza e exaltada*). Meu irmão inclusive me trata exatamente assim até hoje... Meu navio tá indo embora sem mim! (*aponta pela janela para um cruzeiro zarpando do porto*) Estou falando sério, olha lá meu transatlântico. Porra! (*risos da turma*)

Breno – Eduardo, você falou em uma entrevista em 1998 ao jornal *Não* que a figura do Peninha já lhe deu muita coisa, mas também já lhe tirou algumas outras. O que foi que essa figura lhe tirou?

Eduardo – Ela dá um tom de falta de seriedade, entendeu? Por isso que eu digo aquela frase: eu só referendo o que eu escrevi. Eu estou cagando para o que eu disse. O que eu digo não vale merda nenhuma, que, aliás, vale para essa entrevista de vocês. Eu só banco o que eu escrevi. Eu estou cagando pro que eu falo. Falo merda pra caralho... Brincadeira (*risos*). Mas eu gostaria de calibrar um pouco mais essa questão da se-



No dia da entrevista, Eduardo vestia uma camisa amarela com as inscrições *Beat Generation* e *On The Road*, referências ao movimento com o qual se identifica e ao livro símbolo dessa filosofia.



riedade. O Peninha me deu esse nome que me protege. Depois vocês vão lá pesquisar sobre a história do Peninha, porque é do caralho. Eu sou grato ao Boró por ter me apelidado. A primeira história do Peninha é ele, vegetariano, convencendo o dono (*do jornal A Patada, onde o personagem trabalha*) a virar vegetariano e a fazer ioga! Puta que pariu, quase ejaculei (*quando ele leu*). (risos) O Peninha, com o qual hoje eu me identifico, me permitiu a criação de uma persona. Tanto é que o Augusto Nunes (*jornalista que dirigiu a redação do jornal Zero Hora quando Peninha foi editor chefe. Augusto é hoje da Veja*) é um dos que diziam: "Índios, crianças e o Peninha são imputáveis". Porque, cara, eu já fiz tanta merda, já fiz tanta loucura que os caras diziam que não podia ser possível.

É um personagem que me protege. Mas o que ele me tirou? Quando eu tento trazer as coisas para um nível de seriedade maior, especialmente com os meus livros de história... Costumam dizer que os historiadores não gostam (*de seus livros historiográficos*). Diz o nome de um! Não tem nenhum! Nenhum que tenha dito o nome e posto a cara. Só tem uma coisa assim corporativista, sem nome, anônima, anódina, sabe? "A academia não gosta do Peninha". Quando vem o cara com o nome, depois eu digo todos os nomes dos caras que saíram em minha defesa... Tem o Evaldo Cabral de Mello (*historiador e escritor recifense*). Tá bom, né? Eu podia parar nesse, mas tem mais, muito mais. Nicolau Sevchenko (*historiador de São Vicente-SP, falecido em 2014*), o maior... Tem muitos. O apelido me tirou um pouco dessa coisa da seriedade. Não que eu tenha tanto interesse na seriedade. Mas é que, quando veio essa coisa do histórico e do confronto com a academia, precisava de seriedade... Os caras falavam: "É o Peninha, se chama Peninha". Não é um apelido que refere muita... Né?

Hélio – Não sendo um apelido que referende muita seriedade, muita carga de profissionalismo, como foi que você ganhou o apelido?

Eduardo – O meu irmão disse: "Ó, você não pode entrar lá. Você não pode". Isso era junho. Eu fiz o primeiro semestre, entrei na faculdade... Era junho de 1976 e o cara disse: "Se entrar eles vão foder contigo direto". Eu entrei na faculdade em março de 1976 e era o pior pesadelo do mundo. Era... Ele está perdendo a foto, ó! Eu estou com as mãos assim (*se dirige ao fotógrafo Jonas enquanto arqueia os braços para cima com os dedos tensionados*) e ele perdeu a foto. Ele veio do Maranhão, o entrevistado põe as mãos na cara, faz assim e ele só fez a foto porque eu continuei com as mãos *pra* ele fazer.

Jonas – Depois você podia ficar mais bonito também, *pra* ajudar.

Eduardo – É. Depois você me faz uma foto abraçado com as meninas. Quando eu entrei na *Zero Hora*, o jornal só saía de segunda a sábado. E o *Correio do Povo* (*jornal pertencente à Rede Record*), que era o jornal

"(...) abriu um puta de um corte na minha mão, a cachaça (molhou a ferida): "Aaah!", ardeu pra caralho! (...) Eis que o Boró diz: "Contratamos o Peninha"

Geração ou movimento *beat* é um termo usado tanto para descrever a um grupo de norte-americanos, principalmente escritores e poetas, conhecidos no final da década de 1950 e no começo da década de 1960, quanto ao fenômeno cultural que eles inspiraram.

A entrevista estava marcada para às 15 horas do dia oito de novembro de 2014, no Mareiro Hotel da Avenida Beira Mar – onde Eduardo esteve hospedado. O espaço foi um auditório de reuniões de frente para o mar, cedido pela gerência do próprio hotel.

Eduardo recebeu todos os membros da equipe à medida que foram chegando, um a um. Assim se desenvolveu o clima de mais de uma hora de conversas e brincadeiras, antes mesmo do início da entrevista.

concorrente, não saía segunda. Eles tinham um acordo meio tácito de um não sair nesse dia e outro não sair no outro, como era frequente em todos os grandes jornais. Duas semanas depois de eu entrar, o tal Maurício Sirotsky reúne toda a redação e diz assim: "Tenho uma boa notícia: *Zero Hora* vai passar a circular aos domingos" – aí todo mundo que *tava* com o pau assim (*levanta o antebraço, imitando uma ereção*) já ficou... (*decai o antebraço*) – "Mas não se preocupem, vocês não vão precisar trabalhar sábado. A *Zero Hora* de domingo vai ser feita sexta-feira depois de vocês terem feito o jornal de sábado" (*fala sorrindo*). Que é o tal *pescção* que existe até hoje! Quem fazia seis jornais por semana passou a fazer sete sem ganhar nada a mais! Só ele (*o dono do jornal*) passou a ganhar mais com o jornal de domingo, que é o que mais vende até hoje! E não podia beber na redação. Porém todo mundo decidiu que na sexta-feira a gente ia beber, né?

Na época não tinha cocaína, essa droga maravilhosa que te faz trabalhar mais *pro* patrão pelo mesmo dinheiro que ele te paga

Pode?" (*em referência à série de quadrinhos "Riquinho", lançada originalmente nos EUA na década de 1950, publicado no Brasil pela editora Rio Gráfica entre as décadas de 1960 e 1980*). Foi que um cara disse: "Não, vai lá, bebe". Porque também negar álcool é muito baixo. Eu fui beber e fiz assim (*se agacha*), bati com o pé, uma garrafa bateu na outra, as duas caíram, quebraram, espalhou toda a cachaça pelo chão. E eu fui rapidamente juntar os cacos, abriu um puta de um corte na minha mão, a cachaça (*molhou a ferida*): "Aaah!", ardeu *pra* caralho! "Aaah!" (*segura a mão com a outra insinuando dor*). Daí ficou cachaça, sangue, copo... Eis que o Boró diz: "Contratamos o Peninha". O Peninha era o repórter do jornal *A Patada*, só dava cagada dentro do jornal. Pronto, respondi sinteticamente. (*risos da turma*)

Breno – Você encontrou nessa época, ou até hoje, alguma contradição entre a sua personalidade e o trabalho jornalístico?

Eduardo – Olha, cara: eu tive um confronto muito grande, desde o início, que era com essa coisa da suposta objetividade, sabe? A

"A História é uma fabricação. O cara que escreve, escolhe deixar fora algumas coisas e dentro outras. Ele não pode ter a pretensão de escrever a história total."

(*quase sussurrando*). Todo mundo era *cachaça*. E esses caras, se eles não bebessem a partir das 11 da noite, o cara começava a ter um treco. Não podia beber no jornal. Assim como não pode fumar maconha em avião até hoje, o que é um absurdo (*após uma comissão de bordo ter encontrado um "baseado" no chão do banheiro da aeronave em que Eduardo estava – ainda em Guarulhos, antes da conexão para Fortaleza – e acionando a Polícia Federal, os passageiros do voo passaram quase duas horas sem poder sair do avião*) (*risos*). Os caras decidiram que iam beber. E fizeram – chegou na resposta agora – duas garrafas de cachaça com mel e deixaram escondido debaixo da mesa do chefe, que já tinha voltado dos Estados Unidos, o tal Antonio Oliveira. Todo mundo tinha o direito a beber um *talagaçozinho* (*um gole*). Eu também era filho de Deus, embora não fosse (*sorri*), e perguntei: "Eu posso beber?" Os caras disseram: "Não, não me diz que tu bebes?" Eu digo: "Sim, eu bebo". "Ah, o Riquinho quer beber, o Richie Rich quer beber!

minha ligação com a palavra escrita e com a leitura sempre teve um viés esquizofrênico. Como eu falei, ela sempre foi fruto de uma desadaptação. Eu não me sentia adaptado ao mundo, então eu me refugiava no mundo dos outros, no mundo da literatura e mesmo no mundo da história. Porque o mundo da história que eu sempre julguei como literatura também, porque a história é uma fabulação, né... A história é uma fabricação! O cara que escreve escolhe deixar fora algumas coisas e dentro outras. Ele não pode ter a pretensão de escrever a história total. Claro que muitos historiadores têm um apreço gigante por serem fidedignos. Eu, no meu trabalho como jornalista, eu sempre me esforcei o máximo para, não só ser objetivo... Objetivo nunca me esforcei muito! Mas para ser fidedigno eu sempre me esforcei muito, porque eu sabia que a minha natureza de geminiano, de maluco, poderia me abrir portas para desconfiança no meu trabalho. E eu sabia que a pedra angular na qual eu tinha de construir a minha carreira era o fato de ser

Com Hélio e Ronaldo preparando o auditório do hotel para a entrevista, Eduardo conversava com a equipe. Falou de seus hábitos de corrida – incluindo pela Beira-Mar na noite anterior, onde contou exatamente 50 prédios de apartamentos.

fidedigno. Mas eu sempre vivi um confronto enorme entre a matéria que tinha de ser seca e distanciada e objetiva do desejo voraz, incontido, de dar a minha versão da história.

Eu sempre odiei jornalista que escreve na primeira pessoa, sabe? A não ser que você seja o Tom Wolfe, o Truman Capote, entendeu? O Norman Mailer (*os três escritores estadunidenses citados são considerados pioneiros do New Journalism*), entendeu? Aí escreve na primeira pessoa! Agora um bosta que vem escrever... Agora eu sempre odiei também matéria que não tenha o tom, a voz pessoal do cara. Eu sempre acreditei em matérias nas quais o repórter se põe, coloca a sua visão. E deixa implicitamente claro que é um observador que *tá* escrevendo e con-

lêmica). Como jornalista, como pessoa que procura se colocar no texto material e em sociedade, como é que você se sentiu, dado todo esse episódio?

Eduardo – Olha, cara, de início eu senti apenas uma raiva enorme que eu já tinha e tenho de redes sociais e dessas opiniões anônimas ou não-anônimas desses (*começa a gritar*) imbecis de merda que nunca leram porra nenhuma e vêm escrever nessa merda de Twitter e Facebook! Eles que enfiem no cu a opinião deles! Porque o seguinte, tu *tem* de ser qualificado para ter opinião. Mas depois até deixou de me dar essa raiva. Foi o seguinte: eu e o Xico Sá temos uma relação sensacional, né? Ele fica eventualmente pegando no pé dessa coisa do “gaúcho vea-

David e Nathanael chegaram em cima da hora. No aguardo, Eduardo brincou que sempre concede sete minutos de tolerância para qualquer jornalista. A dupla conseguiu chegar às 14h58min, dois minutos antes do horário marcado, e nove da “tolerância” de Eduardo.



tando isso *pra* você. Foi assim que eu consegui meu espaço muito cedo na *Zero Hora*... Eu tinha a ânsia, o desejo de fazer a matéria com um tom pessoal. O que eu vi eu estou contando, não estou contando como se eu fosse um fantasma, entendeu? Um observador inatingível.

Hélio – Eduardo, considerando essa tua posição em relação à fidedignidade e também a teu esforço, desde sempre, de te colocar dentro do teu próprio trabalho, a gente chega a um ponto que foi todo esse problema envolvendo a tua pessoa no *Extra Ordinários* (*Um trecho do programa, onde Eduardo chamava o Nordeste de “aquela bosta” ganhou repercussão na Internet e gerou po-*

do”, de que só tem veado no Rio Grande do Sul – que é maravilhosa. Porque, o seguinte, quem conhece o Rio Grande do Sul e vai em Bagé, no Alegrete, em Uruguaiana, né... Vá lá fazer piadinha de “gaúcho veado” *pra* você ver o que é que acontece. Os caras são tão machos, tão machos, especialmente lá na fronteira do Uruguai com a Argentina... E machista e sexista. E uns carnívoros, comedores de carne, que tem mais de pegar no pé e chamar de veado mesmo. E dentro dessa brincadeira que a gente faz com preconceitos, o Xico Sá pega no pé...

E eu estava falando... Era (*o jogo da Copa do Mundo de 2014 entre*) Holanda e Espanha. E, na santa ignorância das pessoas, os

Eduardo não cansou de cortejar as quatro entrevistadoras – entre elogios e brincadeiras durante todo o contato. Uma pena, segundo ele próprio, que a entrevistada contasse também com presenças masculinas.

Durante o programa Extra Ordinários, na edição do dia nove de novembro, Eduardo agradeceu à equipe da *Revista Entrevista* e ao professor Ronaldo Salgado pelo convite. Ele estava fantasiado de porco, graças a uma aposta interna do programa.



caras nem sabem que Espanha e Holanda tinham travado uma batalha por Salvador em 1621, porque era ainda a União Ibérica, portanto o Brasil ainda era uma colônia de Portugal, que por sua vez estava vinculado, tinha sido engolido pela coroa da Espanha. E a Holanda estava travando com a Espanha uma guerra de independência. Os países estavam sob domínio espanhol e eles (*holandeses*) atacaram o Brasil também como uma forma de atacar a Espanha, e travaram essa batalha em Salvador. E eles iam jogar em Salvador: Holanda e Espanha! Porra, cara, era um momento... E eu estava dizendo: "Eles estavam atacando lá..." E o Xico Sá: "Sim, a parte mais rica do Brasil". E era mesmo. Eu disse: "É, sim, aquela bosta lá". Dentro da nossa coisa (*da brincadeira entre ele e Xico Sá*) e continuei a história que eu estava contando, que era uma história interessante. E pegaram essa parte "aquela bosta", "aquela bosta". E botaram lá na Internet, Twitter e Facebook. Mas eu digo: "Tá, tá, mas eu não me conheço, eu não vou ter um ataque histérico".

Cara, eu conheço o Nordeste inteiro, todos os lugares. Cara, eu conheço o Raso da Catarina (*área de atual preservação ecológica, na Bahia*)! Eu fiquei uma semana lá pegando a *vibe* – a *vibe*! (*gíria, a sensação*) – do

Raso da Catarina! Porque ia virar um depósito de lixo nuclear. Quando descobri que existia um lugar que era abaixo do nível do mar, que era um lugar selvagem, intocado, onde o Brasil estava planejando jogar lixo nuclear, eu não só me vinculei à campanha contra o lixo nuclear ser jogado lá, como fui para ver onde era o lugar. Eu conheço a Serra das Confusões, cara, que é do lado ali da Serra da Capivara (*ambas no Piauí*). Conheço a Serra da Capivara, com as suas pinturas rupestres. Conheço aquele indício de fósseis brasileiros na Paraíba – esqueci agora o nome – os caras estão roubando os fósseis brasileiro há anos. Conheço a Pedra do Ingá...

Jadiel – Sousa (*na Paraíba*).

Eduardo – Sousa, é. Conheço essa porra inteira! Li tudo o que tinha de ler! Conheço estado por estado da porra do Nordeste! Conheço a história e a arte da região! E o cara vem encher o meu saco (*começa a gritar*) dizendo que eu sou contra o Nordeste! Eles que vão tomar no cu! Eles têm todos os evangélicos do mundo para lutar contra! Os evangélicos que estão proibindo as estátuas de orixás na Lagoa de Abaeté (*no município de Itapuã-BA*)! Eles têm todos os empresários filhos-da-puta nordestinos que construíram 50 prédios nessa orla (*refere-se*

Quem sugeriu o nome de Eduardo Bueno para o projeto foi Hélio Grangeiro, que já lia sobre o escritor e usou de uma expansiva argumentação sobre a quantidade de histórias que o jornalista e escritor poderia ter para contar.

à orla fortalezense)! Mil e quinhentos apartamentos têm aqui nessa merda, somando. Não tem nem sol nessa merda. Não pode tomar nem banho, a água é poluída. Vão lutar contra essas porras, contra as merdas da OAS, da Odebrecht (*grandes empresas imobiliárias*), esses cânceres brasileiros. Vão lutar contra esses senhores de engenho, esses produtores de cana, esses filho-da-puta! Eles são os inimigos do Nordeste! Não eu! Eu que sempre amei... Vão tomar no cu! Vão *pra* puta que pariu! E, se quiser duelo, tem duelo! Se quiser que seja com arma, é com arma! Eu prefiro com palavra. Então é isso. (*risos da turma, após a gritaria durante toda a resposta*)

Jadiel – Depois a gente vai falar dessa coisa de amor e ódio que você sente pelo Nordeste...

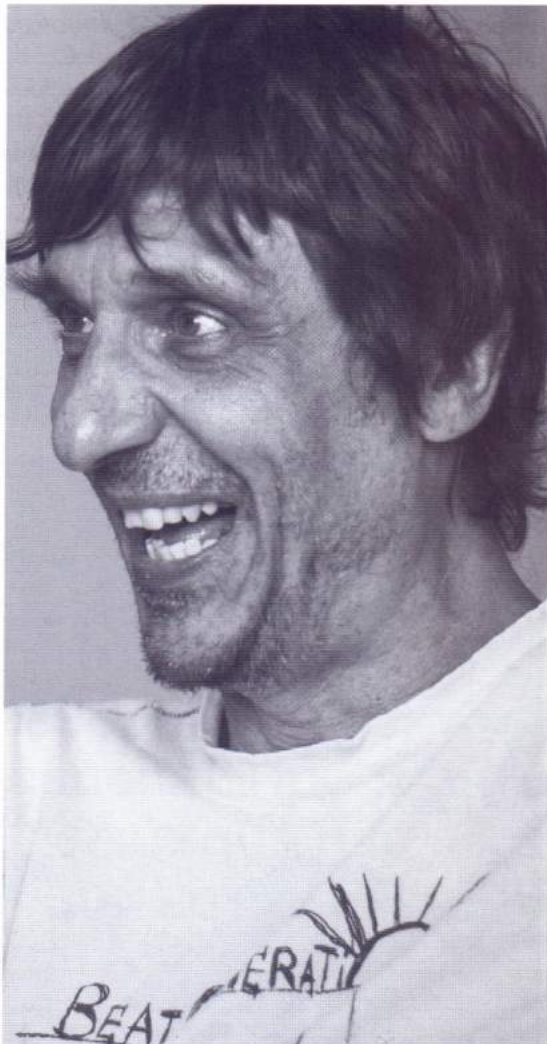
Eduardo – Pelo Nordeste eu só tenho amor! Verdade!

Jadiel – Eu acredito que essa questão tenha sido também por um fator de exposição. Você está na televisão. Mas você também já quis entrar na onda de historiador mesmo. É tanto que você desistiu de jornalismo por um tempo, lá pelos anos 90, não é? Como é que você voltou para a Comunicação? Você abandonaria de novo? Por que é que você continua fazendo jornalismo de esporte, por exemplo?

Eduardo – O meu trabalho ligado à história é basicamente de jornalista. Nunca deixou de ser. Eu nunca deixei de me sentir jornalista. Talvez agora eu esteja deixando de ser porque eu estou escrevendo meu primeiro romance. Mas até então toda essa minha obra ligada à história do Brasil é basicamente a obra de um jornalista. Meus livros, na minha opinião, já disse isso em várias entrevistas, têm o que o jornalismo tem, aspas, de melhor. O que o jornalismo tem de melhor? É um texto fluido, é um texto direto, é um texto que não enche o saco do leitor nem oferece as coisas *de mão beijada* para o leitor. Eu gosto de algumas coisas que o capitalismo oferece, que é essa coisa do mercado. Eu passei a minha vida inteira vendendo notícia, no melhor sentido, no jornalismo. E depois eu resolvi vender eu mesmo as minhas próprias notícias, que estão ligadas à história do Brasil. Porque eu achava que a minha visão da história do Brasil era mais lúdica, era mais luxuriante e se adaptava a esse tipo de texto. Mas isso nunca deixou de ser uma forma do exercício do Jornalismo.

E o que o jornalismo tem de mais trágico? A fragilidade, mesmo. Não há espaço para tanta reflexão, nos modos acadêmicos. E ele se permite, e é uma vantagem e uma desvantagem, o pano rápido, as abreviações, as simplificações. Minha obra foi feita

toda muito conscientemente com base nisso. Eu abandonei o jornalismo diário. Espero que Deus me abençoe o suficiente para nunca mais ter de lidar com as empresas jornalísticas. Ao mesmo tempo, eu sempre tive um lance ligado com a TV. É óbvio, porque todo mundo que me via desde quando eu era repórter na *Zero Hora*... Porque eu não sou uma pessoa que passa exatamente despercebida, até por causa do tamanho do nariz, etcetera e tal. E quando estou pelado, por causa do tamanho do pau. Estou brincando, inclusive porque ele é minúsculo (*mostra o tamanho com o polegar e o indicador*). Mas eu não sou exatamente o cara assim... "Quem é essa pessoa discreta que passou por aqui?" (*risos da turma*) Várias pessoas já pensaram: "Pô, esse cara tem de pôr na TV, não é?" Que é o lugar dos histriônicos. Sempre muito cedo eu tive convite para TV. E veio de novo esse convite (para o Extra Ordinários). Pô, era o Xico Sá, um cara que eu gostava, era a Maitê que eu... Até porque a Maitê é inacreditável. Uma das pessoas mais incríveis que conheci! Superinteligente e qualificada, fala tudo o que é língua. Inclusive língua do Pê (*risos*). Fala ja-



Hélio tomou conhecimento da pessoa e obra de Peninha através da tradução do *On the Road*, do escritor norte-americano Jack Kerouac, símbolo da Geração Beat.

Eduardo não só traduziu *On the Road* como também percorreu o caminho descrito na obra de Kerouac. Peregrinar faz parte do estilo de vida de Peninha, que já contou diversas vezes como ele e os gaúchos "desvirginaram" as praias catarinenses.

Peninha, personagem da Disney e inspiração para o apelido de Eduardo Bueno, é um pato desastrado que trabalha como jornalista no jornal *A Patada*. Ganhou muita popularidade no Brasil a partir dos anos 60.

“(...) resolvi vender eu mesmo as minhas próprias notícias, que estão ligadas à história do Brasil. Porque eu achava que a minha visão da história do Brasil era mais lúdica”

vanês! É a mulher que fala javanês. E o Paulo Miklos, que eu conhecia desde a época dos Titãs (*se refere à época antiga da banda*). Então, me convidaram *pro* programa.

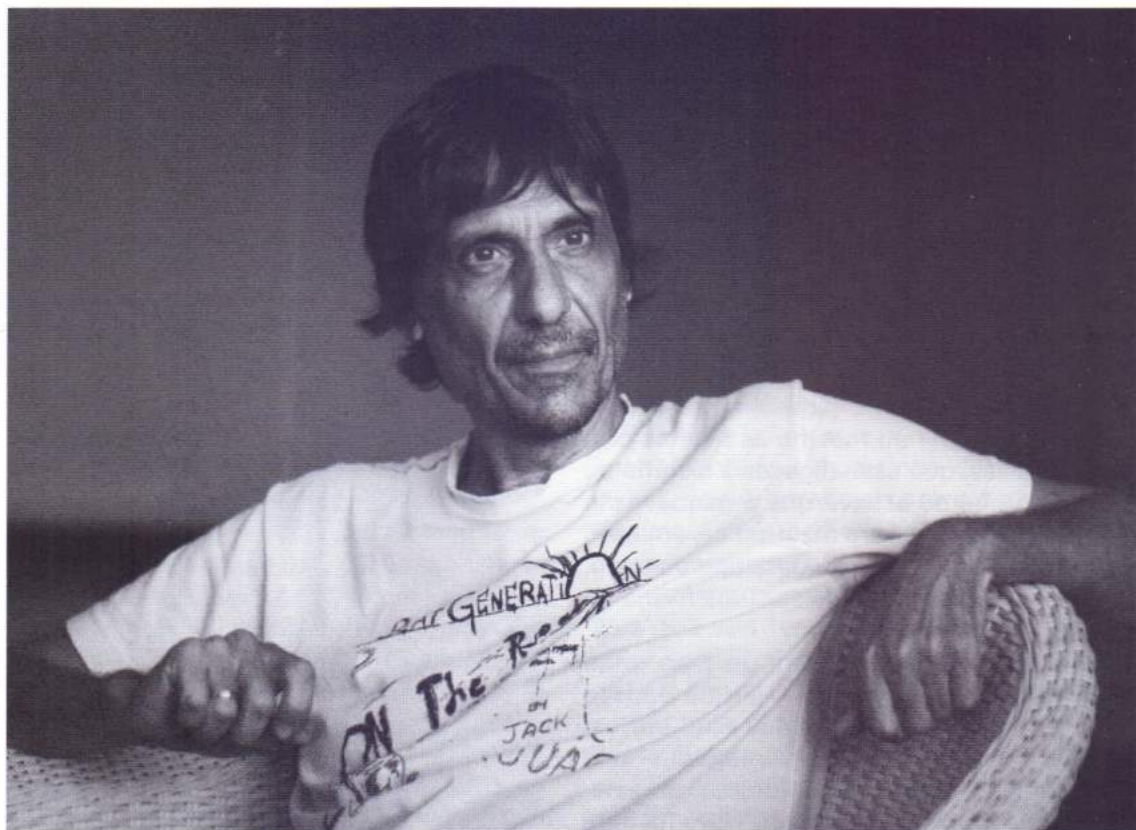
Eu não ia ficar me reprimindo. Eu sabia que alguma coisa poderia dar merda. Mas essa que deu aí, para mim, nem é merda (*refere-se à polêmica sobre o Nordeste*). Porque eu estou consciente do que eu fiz. Eu tenho absoluta certeza que era brincadeira. Depois teve aquele meu desabafo, tipo esse, que eu mantenho cada palavra, cada vírgula. E é o seguinte: eu acho que tem es-

sas merdas de Twitter e Facebook que enfie a opinião no cu! Por favor, tem como ser o título da matéria isso? No cu! Eu só leio opinião de quem tem opinião pra dar. E pra ter opinião pra dar precisa ter um currículo por trás, cara! Você tem de ter lido, você tem de ter se posicionado, você tem de ser alguém na porra da vida, entendeu?

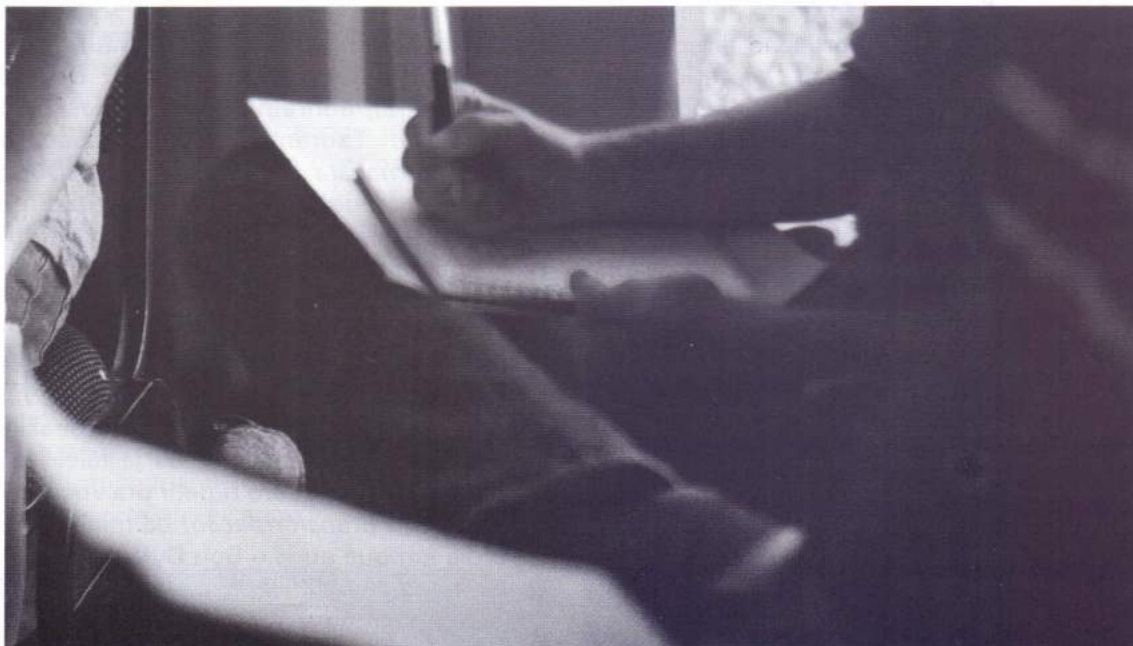
Mas também um limitado desses, vou esperar que um nordestino tenha lido... Vocês leem no Nordeste? (*risos e brincadeiras generalizadas*) Não, mas eu queria falar pra vocês uma coisa legal do Nordeste, agora falando sério, que pra mim é importante... Eu nunca tive preconceito com o Nordeste porque era um conceito, e isso é muito legal de discutir. Verdade: todo mundo que nasceu no Rio Grande do Sul tem, a priori, a certeza de que o sulista é superior ao nordestino, e não é exclusividade de vocês, porque na verdade o sulista, no caso específico do gaúcho, já tem meio certeza de ele é superior a quase qualquer coisa... Talvez não mais que o argentino, porque o argentino tem absoluta certeza que ele é dono do mundo!

David – Isso seria um preconceito consigo mesmo? Em relação a ter certezas indubitáveis de...

Eduardo – ...É, se bem que também é isso que eu quero dizer. Porque “preconceito” é uma coisa que tu tens antes de pensar, né? Se bem que os caras nem pensam nisso, então sim, nesse sentido é um “preconceito” porque já tá “pré-concebido”, por-



Os estadunidenses Dick Kinney e Al Hubbard criaram o Peninha, originalmente Fethry Duck, em 1968 em homenagem à geração *beat*. A atribuição a Eduardo não parece ter sido mera coincidência.



Na pesquisa e produção, o material que mais chamou a atenção de Hélio e Jádriel foi uma entrevista de 1998 para o jornal *Não*, cuja ideia inicial era ser “um boletim de convivência”. De linguagem era muito descontraída, lembrava o Pasquim.

que é uma condição inata. E eu me lembro a primeira vez que – e agora estou falando supersério, e queria compartilhar com vocês porque nunca compartilhei isso publicamente. A primeira vez que eu pensei que talvez, quem sabe, o Rio Grande do Sul não fosse superior, por exemplo, à Bahia. Porque na verdade o “preconceito” se dá de tal jeito – e eu acho que vocês devem saber disso – que para o sulista “médio”, o Nordeste é tudo Bahia. Daí eu devia ter uns 15 anos, andando na rua e pensei “Pô, Caetano, Gil, Jorge Amado... Poxa, não tem nada nem parecido aqui no Rio Grande do Sul!” E música é o seguinte: (*gritando*) tinha de ter uma lei contra a música gaúcha! Tipo MPB, claro que não a música gaúcha de raiz – que é do caralho! Eu digo essas coisas aí, Engenheiros do Hawaii, essas coisas... *Tá*, literatura: “Tem o Érico Veríssimo. Mas o Érico Veríssimo... Ah, prefiro o Jorge Amado... Pô, será que a Bahia se equipara ao Rio Grande do Sul?” Juro. Porque é uma coisa que estava introjetada – hoje mudou, mas até os 80 estava –, sabe o Sul Maravilha? Da Graúna (*personagem do cartunista Henfil*), aquela coisa. Sul Maravilha! Cheio de “alemão”, as pessoas são loiras dos olhos azuis – que nem eu (*Eduardo é moreno, tem olhos e cabelos castanhos*).

Cara, mas era isso, e é incrível: se ainda pegar umas certas facções e for conversar a sério com os caras, eles vão achar que o tema talvez não seja relevante: porque é indiscutível a superioridade do Sul sobre o Nordeste. E, quando tu paras pra pensar: aquela porra nem Brasil é! (*risos*) Para o bem e para o mal, porque tem um lado bom de não ser Brasil também, sério, tem um lado mais “civilizado”. No Brasil “nequinho” joga

lixo na rua... Hoje eu vi umas pessoas jogando lixo aqui na praia “assim” (*gesticula*), e é impressionante. E tem um outro lado que é Brasil, igual aqui (*Ceará*). E aqui é um milhão de vezes mais Brasil: a arte, o artesanato, a comida, o clima, o comportamento, as relações humanas são muito mais o que o Brasil *supposed to be* do que lá. É aquilo que eu falo: Salvador é de 1549, Porto Alegre é de 1773... São 220 anos. Aquela merda lá só tinha neve. Lá naquela porra, aquilo faz frio.

Hélio – Considerando isso que você falou de que mesmo como historiador nunca deixou de ser jornalista, inclusive pela linguagem, pelo modo de apresentar: que pontos negativos e positivos você acha que essa linguagem enriquece ou empobrece a historiografia?

Eduardo – Primeiro eu tive a ideia de fazer esses livros já baseado nos livros que outros jornalistas já tinham feito antes de mim, por quem nem morro totalmente de amores. O

“E música é o seguinte: (*gritando*) tinha que ter uma lei contra a música gaúcha! Tipo MPB, claro que não a música gaúcha de raiz – que é do caralho!”

Eduardo Bueno e Xico Sá – entrevistado na edição anterior –, além de amigos, são colegas na apresentação do Extra Ordinários, que faz parte da programação do canal SporTV desde o período da Copa do Mundo de 2014.

O *new journalism* foi um gênero jornalístico surgido na imprensa dos Estados Unidos, na década de 60, Classificado como romance de não-ficção. A principal característica é misturar a narrativa jornalística com a literária.

(jornalista) Fernando Moraes é um cara que já tinha aberto essas portas ao fazer o *Chateau* e muito antes disso o *Olga* e inclusive aquele *A ilha* (livros-reportagens biográficos, respectivamente, sobre Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, Olga Benário Prestes e sobre Cuba). Depois o (jornalista) Rui Castro, cujas biografias são basicamente história. É a história da bossa nova, a história do Garrincha... Aquelas outras porras que ele fez lá. E o (escritor e cientista político) Jorge Caldeira que escreveu *Mauá – Empresário do Império*. Mas qual é a diferença desses caras pra mim? A diferença é que esses caras escreveram ou sobre o século XX... Todos, porque, na verdade, embora o Mauá (Irineu Evangelista de Sousa, Barão de Mauá) seja do século



XIX, ele é o arauto do século XX, ele é o cara que anuncia o século XX para o Brasil. E são temas que estavam mais ou menos esquecidos e desconhecidos pelas pessoas.

Eu peguei o que todo mundo sabia, que era aquela porra do colégio, que era didático ou coisa que estava desde a cartilha até a porra do vestibular, que era o descobrimento do Brasil, Cabral (Pedro Álvares Cabral) e dei essa outra roupagem, com o intuito específico de ajudar a história a se libertar do banco escolar – que foi o que eu fiz! Os livros venderam mais de um milhão de exemplares! E a história virou tema de discussão em bar, neguinho se encachando e dizendo: “Porra e aquele livro lá do Peninha, ‘Náufragos, Traficantes e Desgraçados?’”, que nem um cara chamou (fala rindo). É *Náufragos, Traficantes e Degradados*, né, bá! Depois disso, natural, abriram-se as brechas para o (jornalista) Laurentino Gomes, Leandro Narloch (jornalista e escritor), Pedro Dória (jornalista)... Que, porra, vocês não vão me fazer falar sobre isso. Pô, mas, ó, faltou fumar, entendeu? Nunca fumaram. Ninguém que não fuma... Aliás, quem aqui de vocês que fuma baseado?

Drielle – A sua iniciativa de escrever história, história do Brasil, partiu do fato de você ver algum problema na historiografia brasileira?

Eduardo – Não, olha só, eu já falei isso outras vezes, mas quero repetir pra vocês. O *turning point* (transformação) da minha vida foi o dia em que eu vi o Bob Dylan a primeira vez na minha vida. É que eu menti várias vezes pra mim mesmo, pras pessoas que tinha sido o dia oito de março de 1974. Mas eu

sempre soube que foi no dia oito de março de 1975. O disco que eu digo que eu ouvi não tinha saído em oito de março de 1974. Eu não poderia ter ouvido, a não ser que eu tivesse ouvido vozes (diz “vozes” fantasmagoricamente, arqueando os braços). Ooh! Ele fez a foto agora quando eu disse ‘vozes’ (refere-se ao fotógrafo). Se eu não gostar dessas porras dessas fotos que você tá fazendo, você tá fodido, ô, maranhense. Eu dou um telefonema pra minha amiga Roseana Sarney e você tá morto. (risos da turma)

Quando eu ouvi o Bob Dylan eu disse: “Vou me rebelar, eu vou passar a vida inteira sendo rebelde, ninguém nunca mais vai dizer o que é que eu tenho de fazer ou deixar de fazer. Eu vou ser um profeta com a garganta cheia de trovões, que nem o Bob Dylan é. E nem que eu tenha de ficar pregando no deserto – e é isso que eu vou fazer. É isso

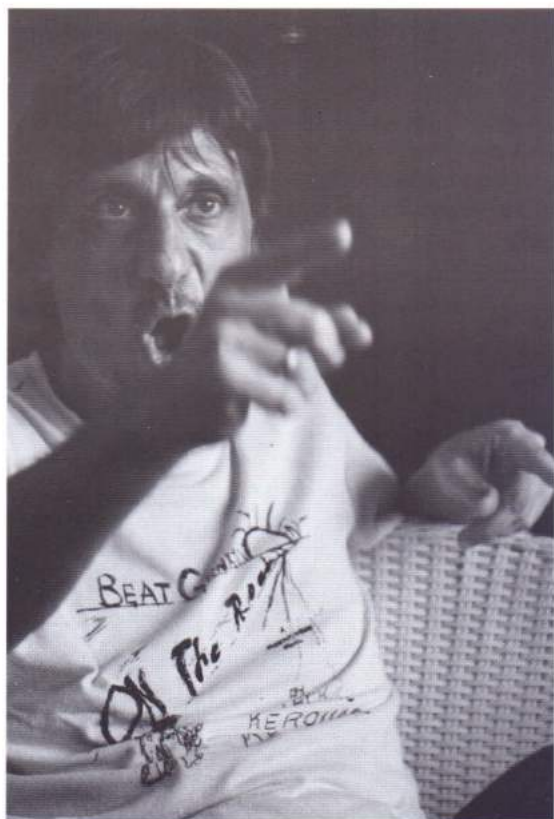
“Eu vou ser um profeta com a garganta cheia de trovões, que nem o Bob Dylan é. E nem que eu tenha de ficar pregando no deserto – e é isso que eu vou fazer.”

sempre soube que foi no dia oito de março de 1975. O disco que eu digo que eu ouvi não tinha saído em oito de março de 1974. Eu não poderia ter ouvido, a não ser que eu tivesse ouvido vozes (diz “vozes” fantasmagoricamente, arqueando os braços). Ooh! Ele fez a foto agora quando eu disse ‘vozes’ (refere-se ao fotógrafo). Se eu não gostar dessas porras dessas fotos que você tá fazendo, você tá fodido, ô, maranhense. Eu dou um telefonema pra minha amiga Roseana Sarney e você tá morto. (risos da turma)

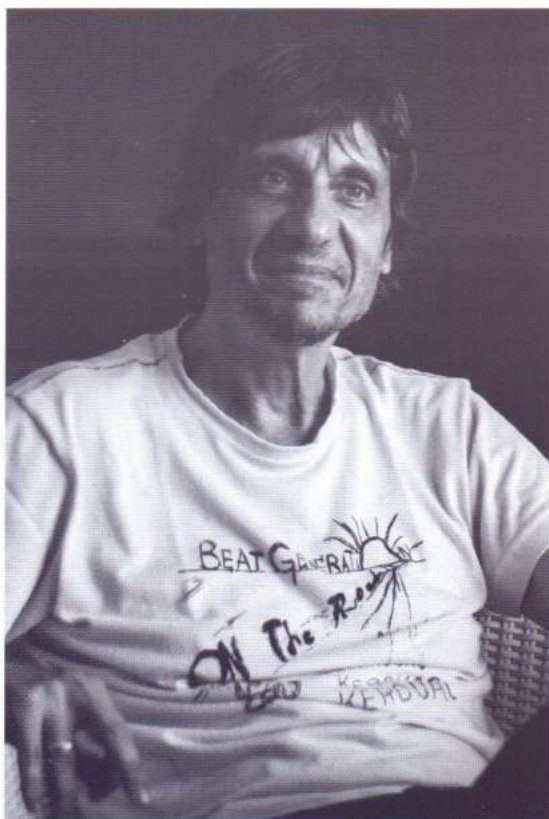
Quando eu ouvi o Bob Dylan eu disse: “Vou me rebelar, eu vou passar a vida inteira sendo rebelde, ninguém nunca mais vai dizer o que é que eu tenho de fazer ou deixar de fazer. Eu vou ser um profeta com a garganta cheia de trovões, que nem o Bob Dylan é. E nem que eu tenha de ficar pregando no deserto – e é isso que eu vou fazer. É isso

Ao passo que Hélio e Jádriel apresentaram a “figura” de Eduardo, uma das grandes inseguranças do grupo esteve no trato com o entrevistado. Ana Maria chegou a revelar um certo “(...) medo de falar alguma besteira e ser cortada por ele”.

(repete três vezes)!" É essa voz, é essa revolta, é esse repúdio ao *status quo*, aos caretas. Minha paixão por ele foi tão grande que qualquer coisa minimamente relacionada a ele me interessava. Tanto é que muito rapidamente eu cheguei no *On The Road* (livro símbolo do movimento beat, de autoria de Jack Kerouac), que foi o livro que eu viria a traduzir. Mas eu comecei a me interessar muito por história dos Estados Unidos também. Eu cheguei naquele livro que era um *best-seller* no Brasil em 1973, e isso era 1975, *Enterrem meu coração na curva do Rio – Bury My Heart at Wounded Knee* –, do Dee Brown, que é um historiador que escreve como se fosse um jornalista brilhante, que conta como é que os índios norte-americanos foram massacrados



as praias de Santa Catarina eram virgens, os gaúchos que descobriram Santa Catarina e eu fiz parte da primeira geração... Eu fui lá: "Vou tomar aqueles cogumelos" e entrei numa (*lombra*) de que era índio. "Bá, sou índio, eu sou pelado, vou viver que nem índio..." (*fala isso em voz lenta*). Mas eu nunca fui muito burro. (*Eu*) me perguntei: "E se os índios daqui fossem uns otários, uns escrotos e uns trouxas? Quem eram os índios que viviam aqui?" Eu fui perguntar quem eram os índios de lá, ninguém sabia. Porque Santa Catarina não tem história, é tão... Santa Catarina não tem história (*grita*)! E o Paraná também não (*sussurrando*), porque o Rio Grande do Sul inventou uma visão de história pra si, que é falsa, mas acredita e mantém.



desde o primeiro contato. Que todo mundo sabe do massacre dos índios americanos lá, pelos cowboys, na década de 1860, os índios-sul Apaches, Comanche, das grandes planícies. Mas eles começaram a ser mortos já ali onde hoje é Boston, Nova Iorque, ele conta desde o início. E eu pirei e concluí que era óbvio que só podia ter sido assim no Brasil também. Porque, cara, o seguinte: os índios mal apareciam na história, né, cara? A não ser que por meio de um indigenista, claro, o Darcy Ribeiro... Mas os livros de história, as história dos índios (*bate uma mão na outra balançando a cabeça pros lados*)...

E comecei aquela *trip* de índio. Foi até quando eu comecei a ir pra Santa Catarina,

Criou uma identidade cultural e histórica do gaúcho, a Revolução Farroupilha, o caralho! Tudo mentira, mas acredita, e é legal e é do caralho! O Ceará também! – mesmo sendo essa porcaria aí. Criou-se uma identidade cultural. Existem uns lugares que não criaram! Sabe? Santa Catarina, Paraná são um lugar que fica entre Rio Grande do Sul e São Paulo. Ninguém sabia nem quem eram os índios. Eu comecei a pesquisar pra caralho os índios catarinenses. Concluí que eu queria escrever sobre os índios e o primeiro contato (*com o europeus*). Era um sonho antigo, que depois eu mudei e escrevi pelo olhar eurocêntrico, (*o livro*) que se chama *Viagem do Descobrimento*. Vem um monte de idiota e diz: "Mas não

O professor Ronaldo Salgado confessou ter passado por preocupação semelhante à de Ana Maria, tendo considerado – por alguns segundos – pedir a Eduardo que "pegasse leve" com a equipe. Consideração que, felizmente, não se realizou.

Outros integrantes da equipe revelaram tentar, de início, uma posição analítica de "expectadores" da entrevista, para melhor se situar em relação àquela personalidade instável que se apresentava ao grupo.

Peninha sabia com o que estava lidando: por vezes percebendo a insegurança do grupo, brincava, incentivava e provocava. “De nove pessoas, só eles dois querem perguntar coisas pra mim, é isso?”

foi descobrimento, foi invasão” (*faz uma voz aguda e enjoada*). Tá bom, foi uma invasão. Vai tomar no cu, escreve teu livro *A Viagem da Invasão* e vê se vende (*grita*)! Tá, pronto.

Ana Maria – Eduardo, de todos os livros que você já escreveu, qual você considera o melhor?

Eduardo – É um livro que todos vocês deveriam comprar. Chama-se *A Coroa, a Cruz e a Espada*. É o quarto volume da coleção “Terra Brasilis”. Mas ele demorou tanto tempo pra sair que as pessoas acham que a coleção “Terra Brasilis” são três volumes só. Demorou por causa de um monte de merda em que eu me meti, a minha vida sempre foi muito tumultuada. Eu nunca tive um plano de carreira nem nunca vou ter. Até talvez devesse ter. Porque, por exemplo, esse aí (*o Ronaldo*) tem aposentadoria garantida, eu não tenho aposentadoria... Foda, hippie é foda! Maconha destrói uma parte do cérebro da pessoa. E aí...

Jadiel – E qual o pior?

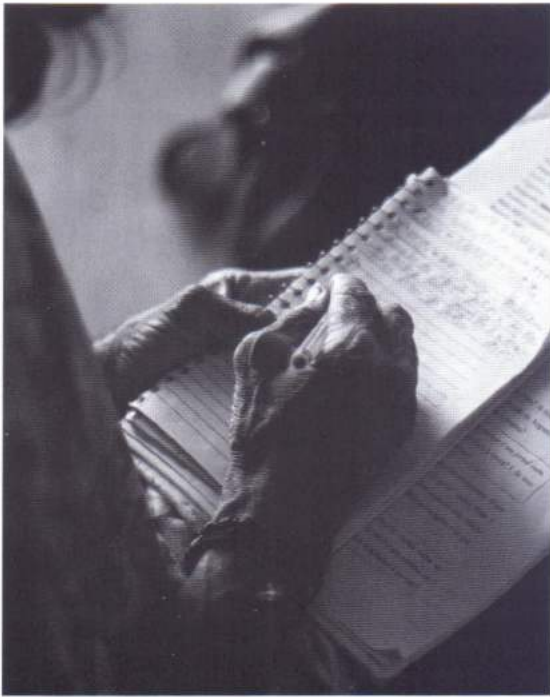
Eduardo – Não, nenhum! Cala a boca! Eu vou chegar lá. Não tem nenhum ruim! Não tem nenhum ruim! Não tem nenhum nem mais ou menos! (*grita*) Depois eu falo, vou chegar lá. (*O melhor livro*) é *A Coroa, a Cruz*

e a *Espada*, que são a origem da corrupção no Brasil. É a chegada do Tomé de Souza pra construir a cidade de Salvador. É o Governo Geral. E ele vem com dois corruptos – ele vem com muitos corruptos, mas ele vem com dois corruptos de grande poder. O primeiro ministro da Justiça do Brasil, que era um dos desembargadores, chamado Ouvidor Geral, o desembargador Pedro Borges, um corrupto, ladrão, com provas documentais. E o primeiro donatário do Ceará, Antonio Cardoso de Barros, que era um filho da puta total que foi um dos únicos donatários que não vieram – porque era obrigado a vir. Mas ele tinha as costas tão quentes com o rei que ele não veio. Só dois não vieram, o João de Barros (*e o Antonio Cardoso de Barros*)... O João de Barros era um gênio da língua. O João de Barros pode fazer tudo, porque gênio pode fazer tudo. E não veio, porque era no Maranhão. *Pô*, no Maranhão, né, cara? Imagina (*a dificuldade da época*) pro cara ir para o Maranhão, né? Ele disse: “Ô, Rei, eu ganhei o Maranhão aqui...” O Rei: “Ah, no Maranhão não precisa ir”.

E o outro era o Ceará. Com todos os seus problemas, era o Ceará. O cara podia ter vindo, pra Jericoacoara, porra, um lugar do caralho o

Eduardo costuma – assumidamente – se estender em suas respostas, dificultando o controle do tempo. Chegou a brincar com o professor Ronaldo: “Para de olhar pro relógio, isso é falta de educação, caral!”





“Nenhum livro meu tem nenhuma informação nova, que ninguém saiba. Se eu tivesse descoberto algo que ninguém nunca tinha falado, eu tinha saído nu pintado de azul, preto e branco.”

Ceará. O cara podia ter vindo. Não veio porque tinha as costas quentes. E veio pra Salvador, em 1549. Ele tinha de ter vindo em 1532, 1533, no máximo 1534, *pro* Ceará. Passaram-se 15 anos e ele veio pra Salvador como Ministro da Fazenda, como servidor-mor.

Ana Maria – Por que é o melhor livro?

Eduardo – Porque é um livro muito revelador para o Brasil e trata de assuntos de um jeito que nunca ninguém tratou antes. Por exemplo, a morte do bispo Sardinha, que era um corrupto, que era um canalha também, que mereceu o fim que teve, comido pelos índios Caetés. Não tem nenhum texto no Brasil que reúna, nenhum livro no Brasil que reúna tanta informação sobre o bispo Sardinha. Não tem nenhuma informação nova. Nenhum livro meu tem nenhuma informação nova, que ninguém saiba. Se eu tivesse descoberto algo que ninguém nunca tinha falado, eu tinha saído nu pintado de azul, preto e branco (*cores do seu time*) gritando: “Descobrimos, porra!” Mas eu nunca descobri nada. Até porque eu nunca pesquisei em arquivos em fontes originais, eu só pesquisei em livros de outros que estão citados ali.

No entanto, eu tenho uma enormidade de livros e eu tenho livros de 1800 e tanto. E eu faço uma releitura desses livros muito mais potável, muito mais palatável. Por exemplo, o bispo Sardinha: não tem nenhuma novidade sobre o bispo Sardinha. Mas ninguém fez um perfil tão completo e juntou tudo o que se sabia sobre ele do jeito que eu juntei. Estava tudo esparso. E botei tudo ali, sobre a morte dele. E o Walter Salles (*diretor do filme On The Road, 2012, adaptado do livro de Kerouac*) vai filmar o episódio do bispo Sardi-

nha, baseado no *A Coroa, a Cruz e a Espada*, informação em primeiríssima mão, num filme que vai se chamar *Sardinha*. Com roteiro do brilhante, do admirável, do inigualável... Eduardo Bueno (*todos riem*).

Amanda – Você falou de a história estar presa nos bancos de escola. Isso é uma coisa que você sentia quando ainda era estudante?

Eduardo – Sim, pra mim era um tormento. As minhas aulas de história foram um tormento. Os meus professores de história eram horrorosos. Com exceção de um que era ótimo, chamado Arno Kern, que é o maior arqueólogo do Sul, da história do Rio Grande do Sul até hoje. Porém, ele entrava na aula e a primeira coisa que ele dizia era “Bueno, rua” (*ri*). Estou falando sério, porque eu tinha certeza, na época, que eu sabia mais história que ele. Eu queria falar mais que ele na aula. Ele entrava e já me mandava pra rua direto. Eu nunca consegui ter muita aula com ele. Ele era meio prepotente, mas, porra, é que ele não tinha saco pra mim, com toda a razão. Eu tenho 56 anos de idade e sou assim, você pode me imaginar com 16, né? Eu não era muito diferente do que eu sou com 16, porque eu já tinha ouvido Bob Dylan. Mas eu tinha 16, então você pode imaginar que não era muito fácil aguentar. Tá, mas daí... Qual era a pergunta antes que eu não terminei de responder? (*comenta-se tentando lembrar a pergunta anterior*) Faltou uma coisa. Qual era a pergunta anterior?

Jadiel – Era falando sobre o livro e depois foi...

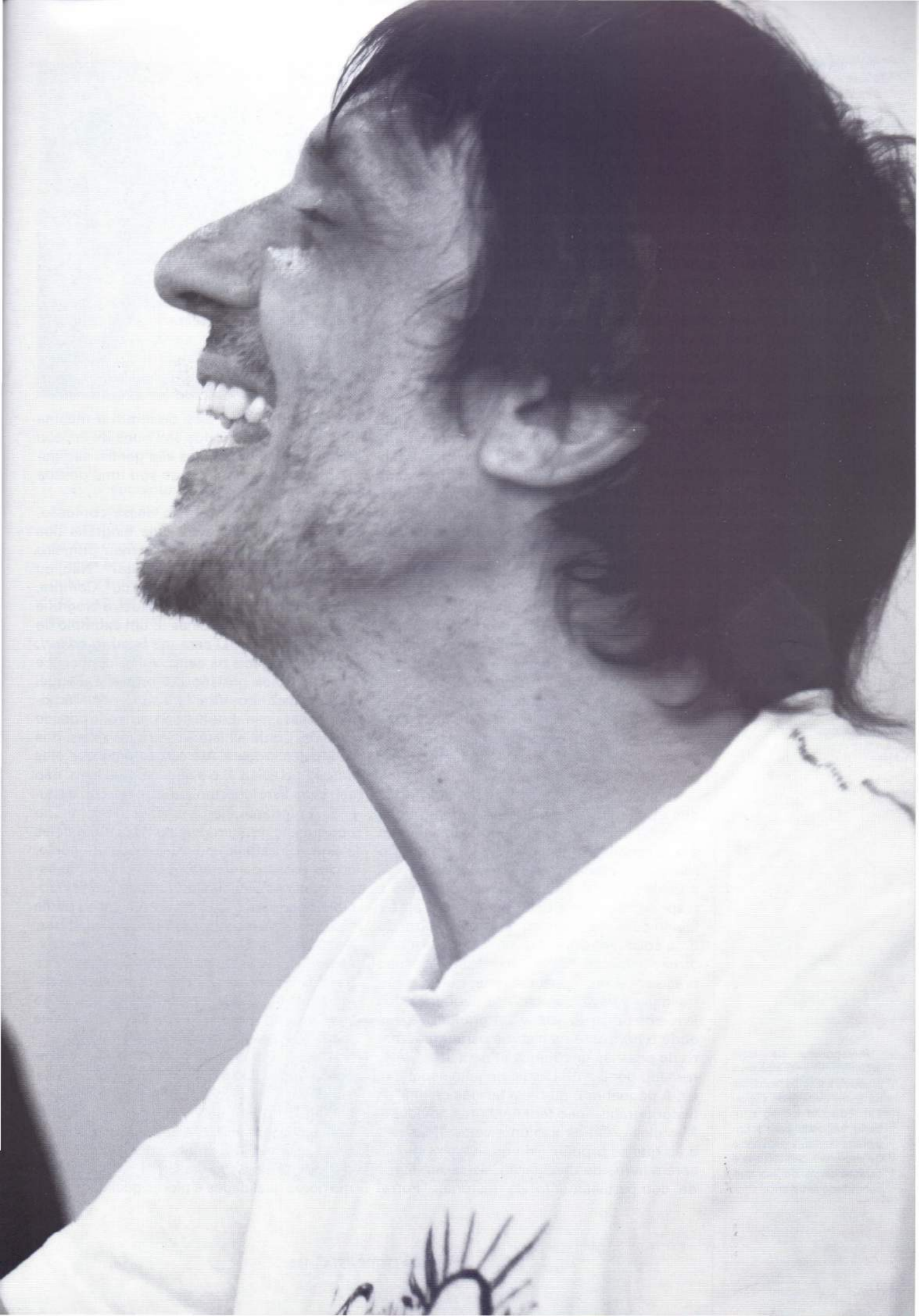
Eduardo – ...Ah, o melhor livro e depois esse imbecil aqui (*se referindo Jadiel*) perguntou qual é o pior. Nenhum, filho da puta!

A conversa com Peninha seguiu por um tempo de precisas três horas – a mais longa entrevista desta edição. Contamos com a compreensão do professor Ronaldo para uma edição mais extensa, buscando a valorização máxima deste conteúdo.

Por diversas vezes o professor Ronaldo foi questionado sobre o uso de “palavrões” na *Revista Entrevista* – por alunos, convidados e a própria Universidade. “Mas se eles falam, o que é que a gente pode fazer? Pedir pra serem mais educados? Não!”

“(...) a minha modéstia não só é maior que todas as de vocês juntas, como se vocês pegarem todas as modéstias de vocês e somarem, não dá metade da minha.”





No material bruto, antes da edição, a palavra "cu" foi citada aproximadamente 30 vezes. Seguida da palavra "foda", que, na forma de verbo ou substantivo, foi utilizada 26 vezes pelo nosso entrevistado.

"A grandeza é que abriu o horizonte da História para um número de pessoas que nunca tinha nem se interessado por História, e de um jeito espetacular."

Lê todos, são 33. Se você encontrar um que seja mais ou *menas*, me diz que eu te *rodo*. Não, porque quando surgiu essa discussão sem nome... "Os historiadores não gostam do Eduardo Bueno". Sim, os historiadores não gostam do Eduardo Bueno. Qual é o nome do historiador? Eu queria conhecer. Eu sou uma pessoa tão cordata, sempre tão disposto a ouvir o outro, não é mesmo? E nunca defendendo as minhas posições com veemência. Sou uma doce pessoa, então por que não me trazem esse historiador? Porque nunca nenhum filho da puta botou o nome à cara. É sempre assim: "A academia não gosta". O que é verdade. Não estou dizendo que não seja verdade. É verdade, mas é aquela coisa corporativista. Quem não gosta de mim, na real, é professor de história e do segundo grau. Na universidade também, alguns não. Mas nunca vieram...

Historiador de renome, de nome... Todos que eu admiro e respeito saíram em minha defesa: Lily Schwartz, Ronaldo Vainfas – que é o consultor da coleção (*Terra Brasilis*) –, o Nicolau Sevcenko, o Alberto Costa e Silva, o Evaldo Cabral. Todos os que eu admiro e respeito, todos me defenderam sem eu ter falado com eles, sem eu ter pedido, dizendo uma coisa. *No frigir dos ovos* eles quiseram dizer o seguinte: "Olha a grandeza" – e aí não precisava dizer, elegantemente, mas nas entrelinhas estava claro – "e a pequenez dos livros de Eduardo Bueno". A grandeza é que abriu o horizonte da história para um número de pessoas que nunca tinha nem se interessado por história, e de um jeito espetacular. A pequenez é que, em termos de análise historiográfica, não tem nenhuma novidade. Mas eles próprios dão uma volta: "Mas não é ao que se propõe". No que se propõe, de serem livros de divulgação, de serem livros de compartilhamento da história... Porra!

Protagonista de uma polêmica em brincadeira ofensiva à Região Nordeste no Extra Ordinários (Spor-TV), Eduardo foi, ao contrário, sugerido para a Entrevista devido à relevância de sua produção literária e características de sua personalidade excêntrica.



Do caralho! Todos eles disseram a mesma coisa, entendeu? Todos são bons de ler, são bem escritos, todos eles são gentis, são generosos. Que nem eu, que sou uma pessoa gentil e generosa (*sorri*).

Não, mas daí, no meio dessa confusão, dizem assim: "Escreveu uma biografia dos Mamonas Assinas", que é o meu primeiro livro. Eu digo: "Leu, filho da puta?" "Não, eu não li". "Então vai tomar no teu cu". Compra, custa três reais, na estante virtual, a biografia dos Mamonas Assassinas. É um exemplo de *New Journalism*. O cara me ligou (*o editor*), eu nem conhecia os caras. Aliás, conhecia e odiava. Típica posição de jornalista. Peguei só pelo dinheiro. Virei fã, sou fã dos Mamonas Assassinas. E a história eu conto desde os avós. Conto a história dos avós deles, dos pais deles e deles. Até o momento que eles entram no avião. E o avião, no meu livro, não cai. É um livro oportunista com relação à situação. Entretanto, não é um livro de conteúdo oportunista. Era um resgate da história deles e ainda do caralho, porque eu sou um gênio, como vocês perceberam, especialmente essas meninas aqui. Inclusive você (*Jadiel*) podia passar para o lado de lá, que daí eu podia ficar olhando só *pra cá* (*todas as meninas, Amanda, Ana Maria, Drielle e Mariângela estavam sentadas lado a lado na parte direita da roda de entrevista. Jadiel estava do mesmo lado*). Às vezes eu olho *pra cá* e te pego (*sem querer*). Essa parte, por favor, consta na matéria. (*risos da turma*)

David – Em uma de suas entrevistas (*anteriores*) você falou que o Brasil é o pior e o melhor lugar pra se viver, ao mesmo tempo. Yin e Yang. Eu quero saber de você, tendo todo esse embasamento de estudos em relação ao Brasil do passado, como é que você analisa o Brasil de hoje, os Brasis de hoje. Quais as melhores qualidades e piores qualidades?

Eduardo – É aquela frase maravilhosa, que virou chavão, mas mesmo sendo chavão continua valendo “o Brasil não é pra principiantes”, do (*compositor*) Tom Jobim. O Brasil não é para amadores. É um país dinâmico, complexo que você pode reducionistaamente considerar só uma merda, porque tem um lado que o Brasil é uma merda. E naquela história: o Nordeste é uma bosta? Minha resposta foi sim, o Nordeste é uma bosta. E eu quero dizer aqui de novo: o Nordeste é uma bosta. Por que o Nordeste é uma bosta? Porque o Brasil é uma bosta. Quando tu conheces os países realmente desenvolvidos, complexos e dinâmicos, tu vêes que isso aqui é uma Idade Média, isso aqui é uma merda de lugar. E por que o Brasil é uma bosta? Porque o mundo é uma bosta! E por quê? Porque os humanos são uns bostas! Tem aquela frase do (*escritor*) Bernard Shaw: “Não sei se o humano é um anjo que caiu ou um animal que enlouqueceu”. Mas é uma coisa no meio (*rindo*).

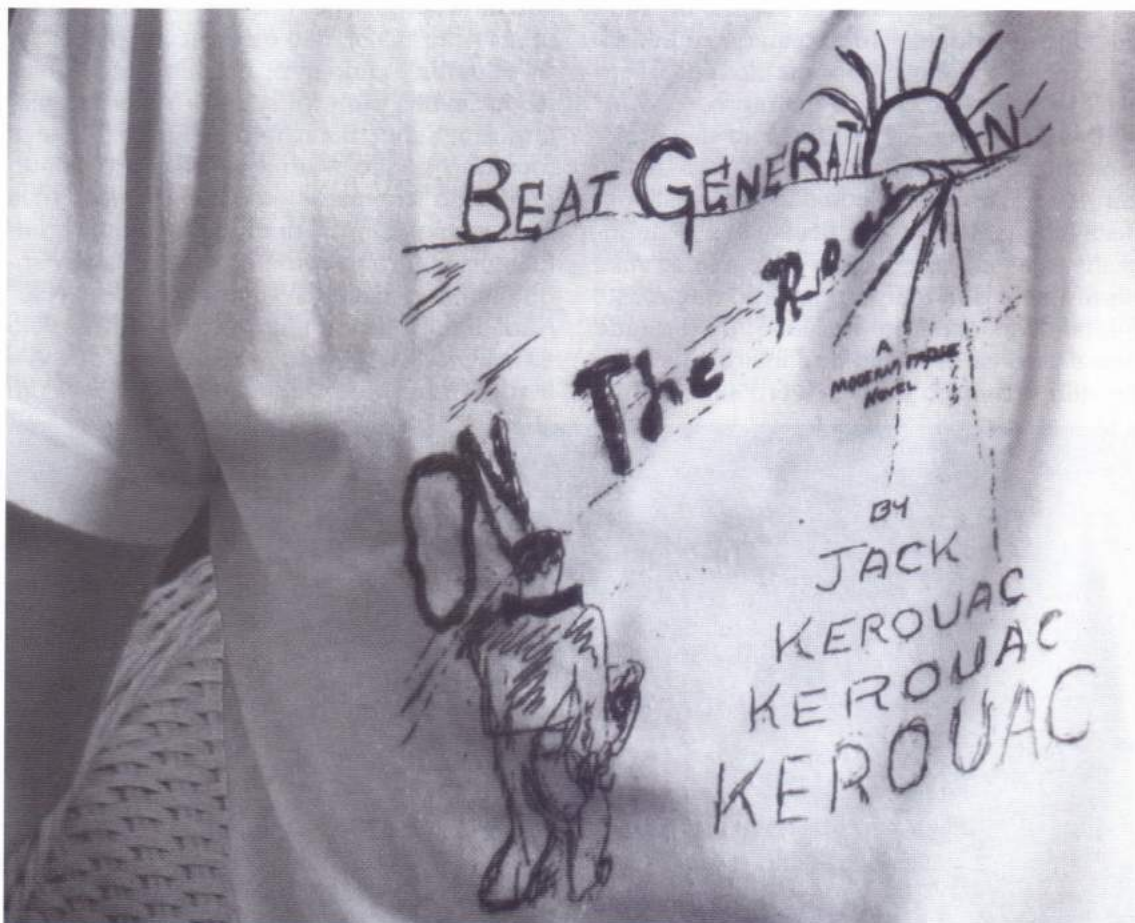
É o seguinte: se você é jornalista ou você é escritor e não ficcionista, você tem de aprender (*a separar sua posição pessoal da sua produção profissional*) – e eu aprendi graças à coisa do Grêmio... Eu era fanático pelo Grêmio e escrevia sobre esporte. Cara, pra mim foi fácil não misturar uma coisa com a outra. E eu não consigo perdoar

quem mistura! Eu sou totalmente fanático pelo Grêmio, quero a extinção do Internacional. Quero a extinção do Internacional (*grita*)! Pode deixar registrado. Eu quero que o Internacional se foda, por mim que acabe. E nunca na porra da minha vida, quando eu sentei pra escrever uma matéria sobre Grêmio e Inter, isso teve alguma influência. Não pode ter! Cara, é o seguinte, é um botão que tu ligas e desligas. É o teu trabalho, trabalho é sagrado, trabalho é libertador. A profissão está numa redoma. Ela é sagrada. O trabalho é que nos faz quem nós somos e você se faz através do seu trabalho.

Jadiel – Dentro deste país, Eduardo, o que você conservaria e mudaria se tivesse a oportunidade?

Eduardo – Cara, como vocês já viram eu sou meio Doctor Jekyll and Mister Hyde, um médico e um monstro (*referência ao romance de Robert Louis Stevenson, de 1886*), um morde e o outro assopra. Eu tenho essa natureza dúbia e dupla – eu sou geminiano... O Bob Dylan também é assim, por que eu não posso ser, não é mesmo? A minha visão sobre o povo brasileiro: tem um lado que vou falar antes, porque esse lado é muito menor e quase passageiro, um lado meio desprezível do povo brasileiro: fruto de muita desinformação e de uma inércia, um descaso, uma coisa meio “deixa estar”, *let it be*. (*cantando*) “*Let it be, let it be...*” Porra, vai

Apesar das brincadeiras e referências constantes, Peninha assumiu, em diversos momentos, uma postura séria e sincera em relação ao episódio associado ao seu nome no Extra Ordinários. Foi o próprio entrevistado quem pediu que tocássemos no assunto.



Eduardo declarou, repetida e enfaticamente, seu amor ao Nordeste, ao Sul... Ao Brasil. Assim como declarou sua raiva para com os problemas do País: “E porra, tu achas que é um preconceito? Não, é uma dor no coração, uma dor!”

Houve o receio de que processos burocráticos comprometessem a vinda de Peninha e a finalização da revista. A confirmação formal da viagem veio apenas uma semana antes da data marcada para a realização da entrevista.

tomar no cu com *let it be* né? Agora tem um outro lado, que é o seguinte: cara, a natureza do povo brasileiro... Que é múltipla, né? Não dá pra dizer que "o povo brasileiro", claro que o gaúcho é diferente do cearense, que é diferente do mato-grossense, que é diferente do caboclo amazônico, mas há uma *vibe* no brasileiro que é do caralho! Então, o que eu manteria? O povo. E qual a principal alteração? Eu não sou o Sérgio Buarque (*de Holanda, historiador*) mas é óbvio: a educação. "Neguinho" diz: "Ah, o Brasil precisa de saúde, segurança..." E não, não, não, cara! Essas coisas vão vir ao natural, quando a gente tiver um povo educado, no sentido pleno da palavra – não o "povo educado" no sentido de (*debochando e rindo*) "bem educado" –, um povo que pensa e reflete...

A transformação da Coreia com base na reforma educacional que os caras fizeram... (*gritando*) A Coreia é muito melhor que o Brasil! Não dá pra engolir! E a transformação é essa, que é pela universidade... Mas é claro que está tão baixo o nível de tem que começar pelo estudo básico mesmo. É essa a transformação pela qual o Brasil tem de passar. Porque é o seguinte: qual é realmente o grande dilema do Brasil? É um dilema ético e moral: é um país sem ética e moral, vê os jeitos que as pessoas dirigem! E não só os filhos da puta dos motoristas: vê o jeito que o pedestre se comporta. O pedestre também não cumpre nenhuma lei, atravessa em qualquer lugar e foda-se! Tudo bem que o pedestre tem todo o direito do mundo. Foda-se o carro! O carro é o cigarro do futuro.

David – Eu quero passar para um próximo tópico, sobre seu livro, sua ficção. De um certo modo você explicou que não existe um distanciamento entre a ficção e a historiografia, mas eu quero saber o seguinte: você disse nessa sua última resposta, que existe muita diversidade no brasileiro, e o assunto desse livro vai ser o Rio de Janeiro, que você diz que resume o Brasil. Quero saber como

você enxerga que o Rio possa resumir o País.

Eduardo – O Rio de Janeiro está muito longe de resumir o Brasil em vários sentidos, e muito mais perto que qualquer outro lugar porque ele é um acumulado de clichês e divisões que o brasileiro tem de si mesmo e projeta para o mundo. É o lugar, primeiro, da cordialidade – a coisa do "carioca cordial"... No cu, que seja, mas tudo bem –, "o lugar da malandragem", "da musicalidade" – e aí é mesmo, indiscutivelmente, do samba, do carnaval. "O Rio de Janeiro é o lugar da bunda!" Porque esst é um país que só pensa em bunda... Só pensa não, mas pensa bastante em bunda – eu, graças a Deus, nunca dei bola pra bunda. Sempre teve essa fixação brasileira, ridícula e facilmente explicável por bunda, que graças a Deus diminuiu neste século XXI, mas até o século XX o brasileiro ainda gostava de bunda. E bunda é foda, né? Ou melhor, não é foda – no meu modo de ver.

O Rio de Janeiro tem toda essa história, e, além de tudo, projetou desde o *day one*, que... Porque é o seguinte, o livro é todo, todo baseado em história. Tudo, tudo, tudo, cem por cento o entorno como é: os barcos são como são, eles comem o que comem, vestem como se vestem e eles falam parecido como o que é (*na história do descobrimento*).

David – Em relação a esses meandros entre a ficção e a historiografia: por que, dessa vez, uma ficção, e por que isso se define como uma ficção? Quais são os objetivos dela?

Eduardo – Primeiro, porque é o seguinte: na minha vida foi sempre tudo embalo, impulso, sabe? Buscando visões. Eu estava tomando banho – eu sempre tomo banho pensando em livros, nessas merdas, mas não em bobagem! Ainda mais não em mulher, porque sabe como é: você tá lá tomando banho, pensando em mulher e tal... Não! Não! Estou lá, tomando banho, e me veio essa história inteira do Rio de Janeiro, eu vi o livro! E eu sempre sabia que ia escrever um



Eduardo por vezes comenta o visível desconforto que seus "ataques" (gritos, urros, saltos) provocam em alguns dos entrevistadores, especialmente em Mariângela, e promete tentar controlar a si próprio.



livro quando eu era jornalista, sempre soube que esse livro ia ser de história, e no fundo eu sabia que ia ter a ver com índios e com o descobrimento! Isso nunca foi consciente mas estava latente, e eu sempre soube que ia escrever um romance na minha vida. E era óbvio que ia ser um romance histórico, mas eu realmente não sabia que ia ser sobre o Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro é um lugar marcante na minha vida. Eu já escrevi vários livros sobre o Rio de Janeiro: a história da Avenida Rio Branco – antiga Avenida Central –, da Avenida Presidente Vargas, a História da Higiene Pessoal no Brasil – toda centrada no Rio, que era um lugar mais sujo, mais imundo. Então, eu já tinha uma “coisa” com o Rio há anos, e aí pá! Veio esse.

Por que ficção? Porque, embora a base seja histórica, vai ter vários personagens que não existiram, são criações ficcionais. E algum de vocês – tu, me entregaste, porque és dedo duro (apontando para Hélio que havia, em reunião, informado a equipe sobre a produção e influências de Eduardo) – fala: “Pô, o cara falou que vai ser um *Game of Thrones*! (série de televisão baseada na série de livros *A Song of Ice and Fire*, de George R. R. Martin)” E infelizmente eu não tenho a menor condição de escrever alguma coisa como *Game of Thrones*. Inclusive eu tenho fama de egocêntrico, o que é um absurdo, porque eu sou uma das pessoas mais modestas do mundo! Aliás talvez tenha de ficar registrado aqui: a minha modéstia não só é maior que todas as de vocês juntas, como se vocês pegarem todas as modéstias de vocês e somarem, não dá metade da minha. Fora que a minha modéstia é linda, linda, linda, ela reluz! Então, além de ser muito modesto, eu

ainda sou um cara consciencioso – e o pior é que agora é verdade. O que eu me inspirei no George Martin não é um mundo de fantasia nem a criação de um mundo: o que me inspirou nele foi o jogo de poder. São famílias que eu estou criando, quatro míseras famílias – ele criou 200 famílias que ainda por cima viram reinos! Mas essas quatro míseras famílias vão ter ramificações por esses 500 anos de história e vai ser esse jogo de poder sórdido, vil e rasteiro – quase nordestino (brinca). Esse ódio familiar, esse nepotismo, esse “Eu ponho meu filho no poder”, esse “Eu te mato”, vai ser isso. Em cima da família Sá – do filho da puta do Xico Sá –, que vai existir como é ela, a verdadeira, do mal, do mal, do maaal... Se tu leres vai ser: “Porra, isso aqui foi o George Martin que escreveu” e não, é isso aqui mesmo. E três outras famílias ficcionais, foi por isso que eu falei de *Game of Thrones*: não tem dragão!

Hélio – Eduardo, sobre suas principais –

“(...) qual é realmente o grande dilema do Brasil? É um dilema ético e moral: é um país sem ética e moral, vê os jeitos que as pessoas dirigem!”

Peninha confessa-se o típico “cara que não se enxerga”, e entende sua situação como positiva: se procurasse enxergar, analisar a si próprio, dificilmente – acredita – teria coragem de dar vazão à sua natureza irônica, expansiva e explosiva.

Eduardo reafirma sua personalidade dupla – e dúbia: um “Eduardo Bueno” de pessoa jurídica, jornalista, historiador e analista de um país; outro “Peninha”, a pessoa física que grita, ironiza e salta sobre as pessoas.

O gremista fanático acredita no poder do constrangimento, do estranhamento e das discussões: "E este é um país que tem de se discutir, né, cara?"

sejam elas inúmeras – influências na escrita, tanto na obra histórica como ficcional. E talvez esteja aí a oportunidade que pediu de falar do Gilberto Freyre.

Eduardo – (risos) Olha só, na minha escrita jornalística, as minhas principais influências são os quatro grandes caras do *new journalism* que realmente me influenciaram muito, abriram a minha cabeça: Gay Talese, Norman Mailer, o Tom Wolfe e o Truman Capote. Esses caras foram chave pra mim, eu os li relativamente cedo e disse: "Pá, vou ser um *new journalist*". Mas essa influência foi temperada por um cara que eles odiavam, que é o Jack Kerouac, e é legal que... Cara, é o seguinte, eu ouvi o Bob Dylan e, o que eu decidi? Que eu ia me rebelar. Tá, vou contar uma aqui maravilhosa pra vocês: criaram o Manual de Redação do Estadão, quando eu trabalhava lá, em 1990. Feito por um cara... Bom, descobre o nome lá (*O Manual de Re-*

tores, uma editora brasileira localizada em Porto Alegre, fundada em 1974), e tinha um cara, que a gente descobriu, que só traduzia os rebeldes, só traduzia coisa intraduzível, coisa louca, e o dono da editora, Ivan Pinheiro Machado, foi ao Rio conhecer o cara. Quando ele voltou, primeira coisa, eu olhei e disse: "Como é que é o cara?" E ele: "Ah, um caixa do Bradesco" (rindo alto). Aquilo foi a maior brochada, ele nem se lembra que disse isso e até hoje eu uso a expressão "um caixa do Bradesco". Então, um caixa do Bradesco fez o Manual de Redação do Estadão – ó, já fechei o travessão. E botou lá uma lista de palavras proibidas. E eu cheguei em casa, abri (*o manual*) e... "Como assim? Como assim palavras que não pode usar?" Eu fui na sala do Augusto Nunes e: "Augusto Nunes, tu és o diretor de redação de um jornal que fez uma lista de palavras proibidas? Como assim? Vai pra puta que te pariu com palavra



dação e Estilo do Estado foi escrito por Eduardo Martins, com primeira edição lançada em 1990. Martins trabalhou durante toda a vida no jornal O Estado de S. Paulo, começando em 1956 como colaborador, aos 17 anos, criando Palavras Cruzadas). O cara era um caixa do Bradesco! É que essa frase não é minha: eu trabalhava na L&PM – abri mais um parêntesis, o meu estilo é parentético: eu abro chave, colchete, parêntesis e travessão, mas depois eu fecho o travessão, o parêntesis, o colchete e a chave e volto ao tema original. É um dom que eu tenho. Então: me esqueci do que eu estava falando (risos entre todos).

Hélio – Estava falando das tuas principais influências na escrita.

Eduardo – Não! Eu ia contar essa história... (confusão geral, várias vozes)

Eduardo – Eu trabalhava na L&PM (*Edi-*

proibida!" Daí ele: "É, pois é..." E eu digo: "Vem cá, posso fazer uma matéria só com palavras proibidas?" "Pode". Cara, eu passei um mês... O que eu gastei de maconha e de neurônio naquela merda, juntando as palavras proibidas, caara... Mais parecia quebra-cabeça. Aí pá! Entreguei uma matéria só com palavra proibida, com início, meio e fim, pum! Ah, do caralho, pode me cumprimentar, uma salva de palmas, por favor, pra ficar registrado... (grita) Uma salva de palmas!

(palmas fracas)

Eduardo – É, obrigado... Foi meio brocha mas tá, merecia. Bom, fechei o parêntesis, agora o colchete. Tá, qual era a pergunta?

Hélio – A pergunta era sobre as suas influências na escrita...

Eduardo – Tá. Ouvi o Bob Dylan, jurei que ia ser rebelde. Daí é o seguinte: jornalismo tem de ser o texto telegráfico: sintético, fra-

Jadriel Lima quis retribuir a descontração com que Peninha os havia tratado e perguntou qual a relação entre ele e Laerte (tendo ambos narizes tão parecidos). "Nós dois comemos a tua mãe", respondeu o gremista.

ses curtas, não pode usar mais que um adjetivo – se é que usa o adjetivo – e tem de ter ponto logo em seguida. E o Jack Kerouac, tá aí a resposta da influência: a Geração Beat foi uma enorme influência na minha vida, especialmente o Kerouac, que escrevia aquelas frases torrenciais, que às vezes usava seis adjetivos pra um substantivo. E é isso.

E eu estou falando isso porque o Truman Capote disse aquela frase maravilhosa sobre o Jack Kerouac, ele disse: *"This is not writing, this is typewriting!"* "Isso não é escrita, é datilografia!" Disse com aquela mordacidade que (*gritando*) só uma bicha louca que nem o Truman Capote poderia ter, né? (*continua gritando*) E o Jack era macho! Ao contrário do Capote!... Não, o Capote é maravilhoso, do caralho, mas porra, uma bicha má, uma bicha muito má, e daí deu essa alfinetada... Espera aí, não pode dizer "bicha má" agora? Vai tomar no cu que não pode dizer "bicha má"! Como se não tivesse um monte de bicha má, e como se não tivesse um monte de bicha má totalmente talentosa, dentre elas a bicha má-mor que é o Truman Capote – que

Hélio – Não se preocupa que não tem.

Eduardo – Tá bom. E nenhum desses caras é influência nos meus livros de história, por eles (*os livros*) terem tanto de um viés jornalístico que a influência que eles recebem são dos caras que me influenciaram como jornalista, no seu texto jornalístico ou literário. Porque esses historiadores eu admiro, respeito e muitas vezes minhas informações vieram deles, mas eles não tiveram uma influência direta na forma. E de certa forma nem no conteúdo – no conteúdo, sim, no conteúdo informativo, mas não no cerne do conteúdo, que é o conteúdo com essa visão jornalística da história. Entendeu? Respondido.

Hélio – Eduardo, agora seguindo adiante, eu quero pedir licença para ler uma citação onde você diz: "Eu não minto, apenas apresento uma versão turbinada da verdade. Tenho dito isso e juro que é verdade, que não me responsabilizo pelo que faço, nem pelo que digo, só pelo que escrevo. Sou que nem bicheiro: vale o que está no papel." Minha pergunta é...

Eduardo – Que frase, né? Dita de improviso,

Eduardo tem, como piada interna, a atribuição de "caixa do Bradesco" para pessoas nas quais não se sente interessado – pessoas "sem graça". A história da expressão vem do trabalho dele na L&PM, e é narrada nas páginas desta entrevista.

"Tá cheio de foto de veado no meu escritório mas é por acaso! (...) Não quero censura nessa merda desta entrevista, hein? Não deixa eles me censurarem!"

eu venero! Como um homofóbico que sou, adoraria odiá-lo, mas não consigo, porque sou solúvel em talento!

E, na história, os brasileiros são Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre e Câmara Cascudo. Mas eu também tenho admiração num cearense, que é o Capistrano de Abreu, e o Capistrano é um positivista, tá ultrapassado, mas é o seguinte cara: é genial, é maravilhoso, eu adoro, é o meu cearense favorito, *my cearense number one*, viu, Xico Sá? (*Eduardo ressalta também a importância do historiador Francisco Adolfo de Varnhagen*) Eu tenho uma foto do Capistrano de Abreu no meu escritório, ao lado do "panteão"... Ele não ia gostar, porque ele tá junto com Jean Genet, com o Rimbaud, com o Bob Dylan, ele ia se sentir meio mal eu acho, com aquela veadagem ali mas... Fazer o quê? (*grita*) Embora eu odeie veado! Tá cheio de foto de veado no meu escritório mas é por acaso! Olha... Não quero censura nessa merda desta entrevista, hein? Não deixa eles me censurarem (*para o professor Ronaldo*)!

tem de ser um gênio. Eu sou incrível né, cara? Sabe que eu sou a pessoa mais incrível que eu conheço? Falando sério (*risadas gerais*).

Hélio – ...Mas levando isso em consideração eu quero perguntar: pra além do que você faz, como você se percebe, como definiria a sua maneira de "se colocar", de se apresentar ao mundo?

Eduardo – Que bom que você fez essa pergunta! Porque é o seguinte: eu sou o verdadeiro "que não se enxerga", cara. Falando sério, se eu ficasse me enxergando, me percebendo, eu não conseguiria ser desse jeito que eu sou. Não pensa que não tem um lado que eu tenho "vergonha" do jeito que eu sou – claro que eu não tenho vergonha, mas é o seguinte: eu sou histriônico, maluco, porque eu dou vazão à minha natureza expansiva, mas eu não fico me enxergando. Por exemplo: nesse episódio da maconha no avião. Eu me esqueço, graças a Deus, que eu sou uma pessoa conhecida e as pessoas me reconhecem, porque, se eu ficasse me lembrando, eu não ia ter coragem de levantar e começar

Jonas Bastos de Araújo, fotógrafo que registrou a entrevista de Eduardo e acompanhou os processos de produção e preparação junto à equipe, já foi caixa do Bradesco.

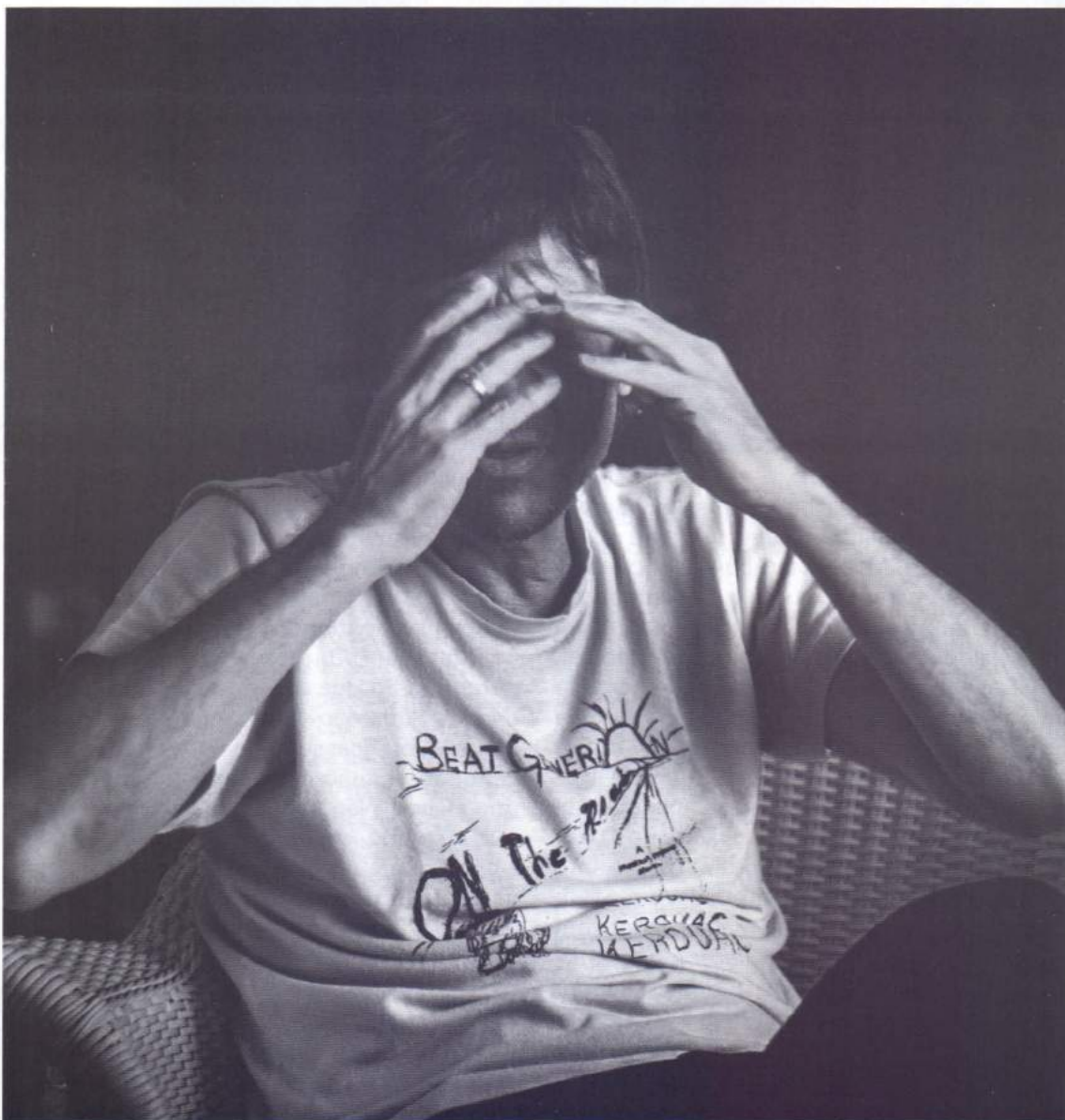
Jonas Araújo faz um trabalho de fotografia autoral e vive em São Luís (MA), sendo amigo pessoal de Hélio e indicado para a entrevista pelo próprio Hélio. Mais do trabalho de Jonas pode ser encontrado em fb.com/jonasaraujophotography

a gritar do jeito que eu gritei.

Como é que eu me enxergo? Eu não me enxergo, cara! Não, lógico que é o seguinte: eu procuro fazer uma leitura do meu papel e da minha posição como pessoa jurídica. Nesse mesmo sentido que eu faço essa distinção entre o que eu sou e o que eu penso, eu procuro refletir sobre mim como pessoa jurídica. E acho, quase de brincadeira, (risos) não, de brincadeira: que já tá quase na hora de ter uma estátua de bronze pra mim. Porque, cara, eu já prestei grandes serviços a este país. (risos) É verdade: eu traduzi o *On The Road* quando ninguém queria. E com isso eu trouxe toda Geração Beat pro Brasil. Foi um lance que partiu de mim e foi difícil de conseguir. *Pô*, depois eu trouxe o Bukowski (*Henry Charles Bukowski, escritor americano de origem alemã: tido como um representante tardio da Geração Beat, por semelhanças de estilo e comportamentais*), cara!

Eu editei mais de 200 livros, eu fiz uma coleção de história em 1980 na L&PM: Cristóvão

Colombo, Américo Vespúcio, Hernán Cortés, que nunca tinham saído no Brasil. Colombo claro que já tinha. Mas o Américo Vespúcio, as cartas dele, o Cortés, o (Francisco) Pizarro (*González, conquistador do Peru*) e até uma versão sólida que eu publiquei do Marco Polo nunca tinham saído no Brasil. Depois eu fiz uns programas de TV lá em Porto Alegre que *bá*, cara, uns programas assim, radicais, sabe? Introduzi um monte dessa "garotada" também no Henry David Thoreau, no Walt Whitman, era um programa diário de TV. *Pô*, depois eu fiz essa coisa aí pela história que porra, tudo bem que resultou no Laurentino (*Gomes*) e no Leandro Narloch, mas a culpa não é minha (risos) que resultou neles. Foi uma transformação no mercado editorial brasileiro. Então, eu faço uma leitura minha, e ela é positiva, da minha posição "pessoa jurídica". Agora: como eu me enxergo como pessoa física, cara, eu não me enxergo, porque eu tenho até vergonha, eu vou me achar palhaço. Quando eu ouço de novo minhas



Eduardo buscou, por diversas vezes, interagir com o ambiente ao redor: levantando-se, movendo-se, apontando, sussurrando aos gravadores – chegou a posar e pedir fotos a Jonas.



entrevistas, porra cara, é demais, isso aí não sou eu. Embora eu saiba que eu sou assim, porque eu sou, mas não pensa que eu morro tanto de orgulho de ser assim: eu podia ser uns dois graus abaixo.

Mariângela – Você disse em entrevistas anteriores que “acredita no poder do constrangimento”. Como é que esse constrangimento define a pessoa de Eduardo Bueno?

Eduardo – Ah, o constrangimento? Ah, é isso! Do tipo assim: “Cara, sou evangélico”. “Mas tu és evangélico? Então, é o seguinte: nós vamos discutir a porra da Bíblia: (*gritando*) qual é a merda da Bíblia, da versão da Bíblia que tu leste *ô* filha da puta? Tu nem sabes o que foi o (*Primeiro*) Concílio de Nicéia em 325 (*concílio de bispos na atual Turquia, na tentativa de obter consenso da igreja em pontos específicos da crença cristológica, como a data da Páscoa*), tu não sabes que os caras reescreveram essa porra dessa bíblia inteira? Seu idiota! Seu merda!” (*baixa o tom de voz*) Assim, entendeu? Uma coisa branda.

Não, na verdade, eu não gosto de ter esses ataques – o que eu tenho tido cada vez mais –, mas eu gosto do constrangimento que causa. Por exemplo, daí o cara é do... Sei lá, TFP (*Tradição, Família e Propriedade, organização católica tradicionalista brasileira fundada em 1960*), que não tem mais. O cara é da TFP, daí todo mundo: “Ah, fulano é da TFP” e tinha medo dos caras da TFP. Eu fui um dos primeiros que viraram e (*gritando*): “Vem cá tu não tens vergonha de ser da TFP? Tu vais pra puta que te pariu que tu é da TFP!” Mas cara, numa coisa branda.

A garota (*olha para Mariângela*) já não aguenta mais os meus gritos, agora imagina o infeliz que for tirar a fita. Você sabe que todo mundo que tira as fitas já me reclamou mil vezes: “Porra que pariu, cara, eu tô lá ouvindo a fita e tem umas horas que tu falas mais baixo, tem de aumentar, e tu gritas sem que a pessoa possa saber...” (*risos*) Já vários casos, vários mandaram um: “Vai te foder! Já que tu tens tanta mania de mandar

“Agora: como eu me enxergo como pessoa física, cara, eu não me enxergo, porque eu tenho até vergonha, eu vou me achar palhaço.”

os outros se foderem, estou eu mandando: vai tu te foder com esses teus gritos, essas porras e o jeito que tu falas, porque não dá pra aguentar!”

Ana Maria e Nathanael – Eduardo (*simultaneamente*)...

Eduardo – Não, não, tem de ser ele, ele ainda não falou nada!

Nathanael – Além de acreditar no poder do constrangimento, você já falou em entrevistas anteriores que adora o estranhamento. E qual a importância dessa sensação de estranhamento em sociedade – seja pela sua personalidade ou pelo seu posicionamento?

Eduardo – É, não, essa coisa da personalidade... Eu gostaria que a coisa se desse no nível de ideias, de conceito, não é no grito – por isso que eu deveria gritar menos. Sério, aqui com vocês eu estou gritando de brincadeira – é óbvio, espero que vocês tenham percebido –, mas a questão é, quando eu começo a discutir, mil vezes eu começo a gritar de “verdadeira”, e não dá: leva a discussão pra uma outra *vibe*, literalmente, ela *vibra* de um outro jeito e ela não chega onde tem de chegar. E esse é um país que tem de se discutir, né, cara?

E o estranhamento é o seguinte: embora eu tenha desenvolvido esse lado mais radical, com um flerte com a intolerância, na verdade isso me preocupa um pouco porque a minha natureza é muito mais do deboche, da ironia... Em vez do constrangimento, eu prefiro um estranhamento, uma frase lá do Bob Dylan, *blow their minds*, explodir com a cabeça deles... Tu crias *riddles*... Charadas! Enigmas! Falar por enigmas e ver se confunde o cara, mas também... Não adianta tanto porque as pessoas são meio burras mesmo, né? Às vezes eu sou a fim do constrangimento. E aquela menina (*Mariângela*) já tá com uma cara tão apavorada que eu juro que eu não vou gritar mais. Ela tem a audição sensível e não aguenta mais tanto berro e tanta violência.

Ana Maria – Agora falando de religião:

O professor Ronaldo Salgado foi referenciado diversas vezes pelo escritor antes, durante e depois da entrevista: “Tu não deixas eles me censurarem!”

Eduardo brincou, por várias vezes, com a questão da censura. “Não pode falar palavrão nesta merda?” “Eu vou dizer, e é bom que isso fique registrado!” “Este país é uma bosta, e pode por isso lá!”

O gremista ameaçou, em caso de censura de conteúdo ou descumprimento aos pedidos de *off*, dar empregos aos presentes na equipe da entrevista: na *Folha de São Paulo* ou na revista *Veja*. Todos os pedidos de Eduardo foram respeitados.



“você falou que não é nem um pouco paciente e já comentou em entrevista anterior que é totalmente religioso. Se me permite a leitura: “Gostaria de me dedicar inteiramente só a meditar, mas é meio difícil pra mim. Abrir mão de tudo. Meu maior delírio é virar um andarrinho rezador”. Nessa tua personalidade tão explosiva, que grita muito e ao mesmo tempo busca a meditação, o que a espiritualidade representa na tua vida?”

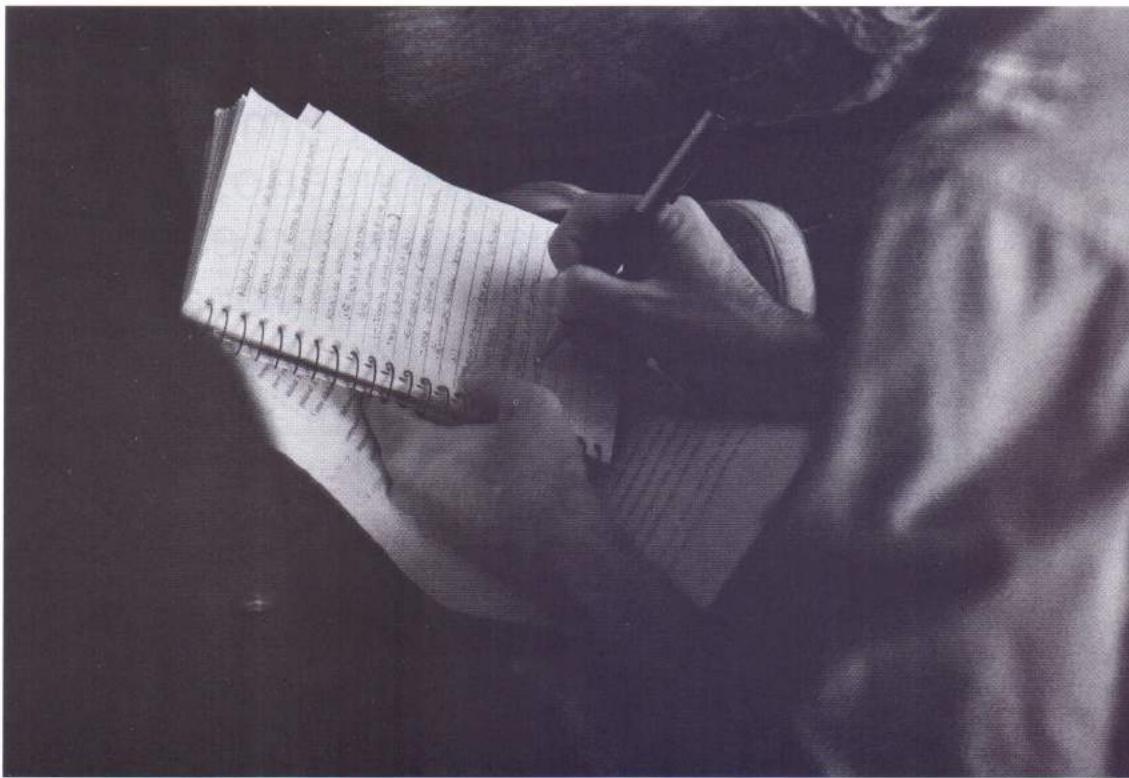
Eduardo – É, então, é exatamente isso. Toda essa geração *hippie*, toda essa história via Geração *Beat*... Não foram os *beats* que introduziram o zen-budismo e o budismo no Ocidente, mas foi na mesma época que eles estavam fazendo a obra deles e por vias muito similares. E depois eles ajudaram, especialmente o Jack (*Kerouac*) e o Gary Snyder – que é budista praticante, vive ainda em mosteiro... E o Jack escreveu aquele *Dharma Bums*, os vagabundos do Dharma,

“Eu não fiz nada sozinho, sempre fui orientado por mestres da palavra, os caras que eu lia e eu dizia ‘Bá, vou ser assim!’”

Apenas Ana Maria foi agraciada com uma proposta de emprego premiada – após lembrar a data da primeira vez que Eduardo ouviu Bob Dylan: oito de março de 1975.

sobre o Gary Snyder. E o Allen Ginsberg, que eu também conheci pessoalmente, era ligado ao budismo. Então, era um caminho natural pra todo mundo que era meio *hippie* chegar nessa coisa budista, tomando LSD... Olhando uma margarida e... (*balbucios contemplativos*) Esse misticismo empurra naturalmente para o zen-budismo e para o budismo. Como a minha *hippiedade*, a minha rebeldia foi sempre baseada em modelo literário... Tudo que eu fiz na minha vida era uma “cópia” ou tinha uma “base” num modelo literário. Eu não fiz nada sozinho, sempre fui orientado por mestres da palavra, os caras que eu lia e eu dizia “Bá, vou ser assim!” Entendeu? Graças a Deus todos os caras que eu li eram malucos, rebeldes. Os que me pegaram mesmo foram os tais *beats*, e eles tinham esse apreço pelo budismo, que eu imediatamente desenvolvi.

É uma boa piada: eu tenho 140 livros sobre budismo e zen-budismo e vem um cara e (*diz:*) “Pode ter lido, mas nunca aprendeu nada, né?” Eu já estou bem mais distante, já fui bem mais próximo da prática, inclusive. Eu fui macrobiótico (*regime alimentar baseado no aformismo “alma sã em corpo sã”, tendo cereais integrais como alimentação-base*): fiz jejum, dez dias de arroz, quatro dias de jejum, ficava em posição de lótus inteira durante muito tempo. Mas é uma coisa da qual estou superafastado, e começou o afastamento porque teve uma época na minha vida em que eu cheirei muito pó. Para trabalhar! Lá na *Zero Hora* eu cheirava pó loucamente e depois quando eu fui



A entrevista com Eduardo foi a única que aconteceu em um dia fora do programa previsto pela disciplina – um sábado – por restrição da agenda do entrevistado. Todas as outras aconteceram em terças ou quintas-feiras.

fazer essa coleção *Terra Brasilis*. Eu escrevi *A Viagem do Descobrimento* em 44 dias, *Náufragos, Traficantes e Degredados* em 62 dias e *Capitães do Brasil* em 98 dias. É impossível escrever nessa rapidez, a não ser que tu estejas “turbinado”. Eu sempre odiei a cocaína, sempre achei uma droga do mal total, acho que ela tá supervinculada ao demônio. Para continuar no meu misticismo: eu acredito em Deus e acredito no demônio plenamente. Tenho quase pena de quem não acredita no demônio, porque, cara, o demônio não só existe (*rindo*) como... *Rules!* Manda pra caralho!

As pessoas me perguntam muito: “Qual o melhor livro que tu já leste na vida?” E todo mundo acha que é piada mas não é: a *Autobiografia de um logue* do Yogananda. Ele descreve o processo de iluminação dele: vendo o universo inteiro em um satori – na súbita iluminação, no súbito despertar. E eu acredito totalmente, mas entre o acreditar e o praticar há um abismo. Começou por causa dessa cheiração, né? E a cheiração leva ao cigarro, cigarro ao café. Porque pra mim é o seguinte: se eu pudesse escrever... E eu adoro falar sobre drogas porque é tão hipócrita o discurso. As pessoas são tão filhas da puta, é tão ridículo o jeito que elas falam, que elas pensam, que elas são. E é o seguinte: quem usa, em geral, não fala, e os que falam, falam pra acusar e nunca usaram, ou então conheceram uns idiotas “lá” que usaram... O que eu mudei na vida é que antes eu achava aquilo de “maconha é para todos”. Depois, LSD pra todos tam-

bém. Cocaína, cigarro e café pra ninguém! E eu achava mesmo, eu achava que as pessoas tinham de ser amarradas e (*gritando:*) “Vai fumar esse baseado aqui e toma isso aqui que vai ser bom!” Eu descobri que pra cada pessoa ela age de um jeito.

David – Eduardo, você tem o trabalho como um lugar sagrado, um lugar que dignifica o homem de um certo modo. E falou agora que tinha de usar drogas para produzir mais. Como é que se dá essa relação?

Eduardo – Não, dá fácil, dá fácil! Porque é o seguinte: era, nesse caso, como jogar dopado, entendeu? Porque é o seguinte: o (*atleta*) Ben Johnson... Esses caras que correm dopados: tudo bem, não pode porque eles vão morrer, por isso que é proibido. Não é moralmente, é uma proteção ao indivíduo. Agora: “Se eu usar o mesmo doping do Ben Johnson ou do (*pugilista*) Mike Tyson ou quem for, eu vou conseguir fazer o que o cara faz?” Não vai, né, cara! Aquilo é uma qualidade nata do cara que aquela substância só potencializa. É o meu caso: o meu trabalho era sagrado. Eu usei drogas que não são sagradas, sem afetar com isso a sacralidade do meu trabalho e a devoção a ele. E ao contrário: eu usei pra ter mais devoção a ele, entendeu? Então, se eu pudesse, e se essas três drogas não fossem ruins, eu trabalharia única e exclusivamente: de maquiagem; cheirando cinco carreiras de pó; tomando uma garrafa térmica de café “deste tamanho” (*mostra com as mãos o tamanho que seria*) e fumando seis cigarros... Ou sete. Todo dia. Com isso eu rendo muito mais, eu

Hélio já conhecia a filha mais nova de Eduardo. Ao comentarem o fato com Eduardo, Jádriel recitou o verso de Chico Buarque “Você não gosta de mim, mas sua filha gosta”.

Ao contrário daquilo que se costuma acreditar – segundo o próprio Eduardo –, o escritor nada tem contra a obra de Chico Buarque, apenas não se identifica. Por outro lado, valoriza o trabalho de Sérgio Buarque de Holanda “dez vezes mais”.

escrevo muito mais e muito melhor. Eu te juro, eu já vi isso, não é uma ficção. Mas é o seguinte: não dá. Porque, primeiro, são três drogas meio do mal, especialmente o pó, porra: uma coisa horrorosa, faz mal a tudo, é uma droga produzida do jeito mais horrível possível, pelas pessoas mais horríveis possíveis, te tira o que tu tens de pior! Chama-se droga por causa disso! Cigarro: é uma porra horrorosa, eu já tive tuberculose inclusive, é um horror – eu fumo, eventualmente.

Eu concluí que eu tinha de ter uma droga pra escrever (*sobre o hábito do cigarro*). Eu não consigo escrever sem ter uma droga, eu preciso estar drogado pra escrever – é uma merda, mas é verdade. Não consigo escrever, não consigo entrar em mim. A única droga que eu gosto, e “recomendo” é a maconha. Porém é o seguinte: eu não consigo escrever depois de fumar maconha. Porque eu fumo um “baseado” e vou escrever, então vamos começar com meu nome. “Eduardo. E. Êêêê. Vogal. A. E. I. O. Uuuuuuu (*cantando*). O alfabeto. Alfa. Beta. Zeta.” Daí tu olhas são cinco da tarde eu escrevi “E”!

Jadiel – Falando dessa questão da relação com o uso de drogas e tua escrita, parece ter algo a ver com um autorrespeito. E a gente quer te perguntar sobre esse respeito que você tem ao indivíduo, de uma visão individualista – citando Thoreau e Walt Whitman, sobre “cantar a si próprio para cantar o mundo”: como você se vê no mundo? As outras pessoas? O que busca das relações com essas pessoas?

“Humano um por um já é complicado. Pensa: se olha no espelho e vê se você não é complicado, olha pra mim e vê se eu não sou complicado.”

Eduardo – Eu sou um *americanófilo*, e é cada vez mais difícil de dizer essa palavra por causa da incompreensão que as pessoas têm, por associarem os Estados Unidos ao que têm de pior – eles têm muita coisa ruim – e à política externa dele. Mas foi o único país do mundo que teve um gênio como presidente – porque o Benjamin Franklin era um gênio, no sentido pleno da palavra “gênio”, do QI e tudo o mais. Teve o (*Abraham*) Lincoln, teve o George Washington e daí se criou um movimento filosófico nos EUA, na Costa Leste, chamado transcendentalismo. Que eram o (*Ralph Waldo*) Emerson, o próprio Walt Whitman e o Henry David Thoreau – que escreveu *Walden ou a Vida nos Bos-*

Peninha se surpreendeu em como a entrevista assumia por vezes um caráter “confessional, quase psicanalítico”. Foram nesses momentos que o escritor se manifestou mais sério, introspectivo e contemplativo, em contradição ao lado explosivo dele.



ques, que é o cântico à liberdade individual máxima. Escreveu *A Desobediência Civil*, a coisa que ele propõe de você ser desobediente mesmo, derrubar o sistema através da desobediência – que influenciou o Ghandi, na revolução indiana. O Herman Melville, de *Moby Dick*, o Nathaniel Hawthorne e até, de certa forma desviante desses malucos, o Edgar Allan Poe. Todos esses caras ali da costa leste americana. Esses caras me formaram muito, também. E o Jack Kerouac, de anos depois, também é daquela zona de Massachusetts. E eles fazem um canto ao individualismo – que é erroneamente confundido com o egoísmo, ou com o anti-comunismo, ou com uma coisa reacionária, politicamente correta... Quando não é! Ao contrário! Primeiro: é uma das bases do anarquismo, o Thoreau é um dos pilares involuntários do anarquismo, então eu acredito nisso... E, além de tudo, os humanos são muito chatos na maioria. Quando você vê humano em grupo... Em rodoviária, no avião... Puta que pariu!

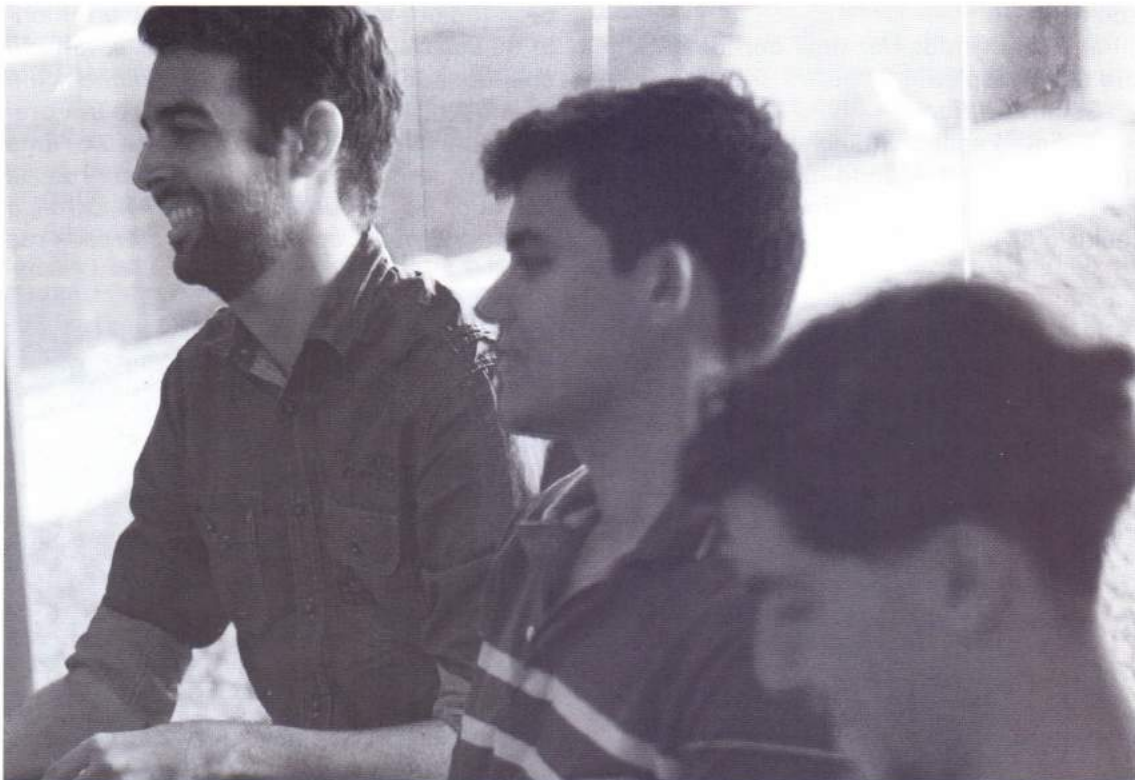
Humano um por um já é complicado. Pensa: se olha no espelho e vê se você não é complicado, olha pra mim e vê se eu não sou complicado – embora muito modesto e genial e magnânimo. Sério, humano é meio foda: um monte de humano junto, porra! Piorou! Um monte de humano junto querendo fazer a mesma coisa, pegar um ônibus ou um avião: não tenho muita paciência. Agora: pá, você encontra um humano... Se eu e ele (*aponta para Hélio*) saíssemos, agora,

ali para o (*Centro Cultural*) Dragão do Mar... Se a gente saísse, só nós dois? Pô, já muda tudo! Vem essa coisa do indivíduo! E se você conseguir, mesmo no meio da massa, ver o indivíduo e perceber o valor inequívoco e fantástico e luminoso do indivíduo... Sabe, eu acho que é uma forma de agir politicamente. E é o meu jeito de ser.

Nathanael – Numa entrevista ao Jô Soares, você falou que o passado está sempre sendo reescrito. Tem algo no seu passado que você gostaria de reescrever?

Eduardo – (*risos*) Cara, é uma resposta tola, é uma bobagem, mas como está virando uma entrevista confessional aqui eu vou falar. Na minha trajetória profissional não tem nada que eu recue ou... Claro, gostaria que tivesse sido melhor, gostaria que eu tivesse trabalhado no (*jornal americano*) *Washington Post*, de ir pra Califórnia escrever roteiro em Hollywood, mas isso é óbvio. Mas no que eu fiz: ok, não me arrependo de nada, não reescreveria nada. Mas, na minha vida pessoal, tem uma coisa que está começando a me incomodar – e a minha filha falou uma frase, ela disse: “Pai, eles não estão à altura do teu ódio”, se referindo ao outro time lá que joga em Porto Alegre. Porra, cara, eu não podia levar tanto a sério assim o meu... Não, tem um lado que é óbvio que eu não levo a sério, que eu sei que é brincadeira. Mas a brincadeira tomou uma dimensão tão grande que, como eu brinco 23 horas e meia por dia e na outra meia hora eu estou desentendo em relação a isso... O que eu reescreveria no

Dada à oportunidade de participação na entrevista com uma pergunta, Lizia Bueno, filha mais nova de Eduardo, respondeu, rindo, que “Acho que já sei de tudo. Não tenho opção: você já reparou no quanto ele fala?”



Apesar de se definir como “expansivo, histriônico e maluco”, Eduardo é fortemente influenciado por filosofias e crenças orientais, especialmente ligadas ao budismo. Acredita na valorização do indivíduo por suas próprias ações e relações humanas.

Na reunião da equipe para avaliação da entrevista, Jadiel confessou ter pensado na música "Dança do Ventre", do grupo É o Tchan: identificou em Eduardo uma mistura entre Brasil e Egito, graças às influências historiográficas do entrevistado.

passado era ter apenas desprezo irônico pelo tradicional rival do Grêmio Porto Alegrense. É uma resposta tola, mas já que virou psicanálise aqui...

Hélio – Você falou mais cedo sobre a relação com a Geração *Beat* quanto à influência na sua obra. Quero perguntar: em toda a estética – tanto escrita como em outras artes –, o que primeiro lhe tocou nessa filosofia? Que não só fez com que você se identificasse, mas também se fizesse identificar?

Eduardo – Ouvir o seu diálogo interior e externá-lo. É isso. O Jack ouvia a cacofonia da própria mente, dava uma forma a ela – que, por um lado, era anárquica e dinâmica, mas fazia todo o sentido. E se projetava naquela imagem literária de si próprio, que ele mesmo estava criando. E quando eu ouvia aquilo eu dizia: "Cara, ouvir a própria voz, a própria voz interior", que era uma voz que eu mantinha sufocada no meu quarto, lendo sobre o Egito. Eu só tinha o meu quarto: e lá eu podia ouvir a minha voz, embora, como eu falei, fosse um processo esquizofrênico. Era de ouvir uma voz que eu não sabia se era minha, projetar em uma voz literária, e, ao projetar isso, eu fui formando a minha voz interior, e essa voz eu decidi, primeiro, que eu tinha de ouvir, depois, que eu tinha de expô-la. E a única forma que eu sabia de expor era escrevendo. E veio o Bob Dylan também – com essa voz gritante – e eu: "Cara, esse é o caminho!" Ouvir a sua voz interior e narrá-la: se as pessoas não gostarem, criar o constrangimento. (*gritando*) "Por que tu não gostaste do que eu escrevi, seu animal?"

Jadiel – Vamos dar uma corridinha logo pro último tópico?

Eduardo – *Bora*.

Jadiel – Pegar um gancho falando daquilo que você estava falando da música gaúcha. Eu lembrei da questão do Bob Dylan: tem muito o Dylan e você como representações

do movimento *beat*, mas você acha que tem algum outro ícone aqui no Brasil que representa essa geração? Quem seria?

Eduardo – Olha, exatamente assim não, embora tenha tido uns rebeldes. Mas porra, cara, o Caetano, o Gil e, de certa forma, o Chico, pra quem eu, particularmente, não tenho muita paciência. Mesmo ele sendo um gigante, na minha opinião, o pai dele é dez vezes mais, mas isso não está em questão. Então, tem o Caetano, que eu acho incrível, e ele faz um contraponto com o Gil, acho inclusive ele mais que o Gil, mas entra essa coisa baiana que foi o que eu disse: "Opa, esses caras são baianos. Baianos? É, incrível".

E eu conheço muito a história de Salvador, é muito mágica. Que, aliás, é uma bosta, né? É do caralho e é uma bosta. O único lugar na merda da minha vida onde eu fui assaltado. Salvador não é uma bosta? Salvador é uma bosta! Salvador é do caralho, a verdadeira, a projeção, o que Salvador significa, a história, a formação, a estrutura, o Pelourinho, o mar, a cultura, as pessoas. Cara, Gregório de Matos (*Guerra, advogado e poeta, alcunhado de Boca do Inferno*) escreveu de Salvador! O Padre (*Antônio*) Vieira escreveu de Salvador! Puta que pariu, o João Ubaldo (*Ribeiro*), a ilha da Itaparica, o Jorge Amado, o Carybé (*Hector Julio Páride Bernabó, argentino*) – o maior humano que eu já conheci na minha vida –, eu conheci o Carybé, o (*fotógrafo francês*) Pierre Verger – eu convivi com o Pierre Verger. Todos eles viviam lá. Rio Vermelho, aquela coisa. Mágico. Mágico...

E é uma bosta. É uma bosta porque tá tudo fodido, tem cheiro de merda, um monte de assaltante, tá tudo uma bosta, tá tudo abandonado, tá tudo largado, (*gritando*) e é uma bosta! E porra, tu achas que é um preconceito? Não, é uma dor no coração, uma dor! Eu conheço a história de cada rua de Salvador. Vocês vão ler a porra de *A Coroa, a Cruz e a Espada*, conta a história de cada rua

"Era de ouvir uma voz que eu não sabia se era minha, projetar em uma voz literária, e ao projetar isso eu fui formando a minha voz interior (...)"

Ao término de três horas de entrevista, os agradecimentos e a proposta de celebração: entre amigos, comidas, bebidas e conversas. A despedida oficial do projeto e de nosso convidado.





A trigésima terceira edição da *Revista Entrevista* trouxe-nos a um extremo no começo para terminar em um outro: o primeiro, Yuri Firmeza, do olhar contemplativo e voz calma. Já o último...

e cada prédio.

(Eduardo atende ao telefone)

Eduardo – Porra, os caras continuam falando aqui, Paula, acredita? Eles não param de falar, ainda bem que tu ligaste. Não, eu já estou quase desmaiando! Eles falam, falam, falam... Não, e a maior parte das coisas não se aproveita do que eles dizem, é impressionante, *tché*. Ainda bem que tu ligaste aqui. Sim, estão falando sobre o tema que mais me interessa: eu próprio. É, me, *myself and I*. Tá bom, vou desligar. Depois te ligo, meu amor, beijo.

(Eduardo desliga o telefone)

Eduardo – Minha mulher não é uma santa? Não tem de ser santificada uma pessoa dessas? Imagina ser casada comigo. Imagina tu acordar e eu estar do teu lado!

David – Não, obrigado.

(risos gerais)

Hélio – Só pra gente finalizar, sobre essa sua *ligeira afeição* pelo Dylan, você já manifestou a ideia e a vontade de escrever sobre o Dylan, sobre os encontros com ele, até uma biografia. A quantas anda esse plano da escrita de um livro, desse material sobre ele? E quais são os futuros planos para a escrita – tanto historiográfica como ficcional, se houver?

Eduardo – A história do Bob Dylan é uma história... Do livro sobre o Bob Dylan é uma história muito, muito perturbadora pra mim

porque eu me envolvi com Victor Maymudes, que era o *personal manager* dele. O Bob Dylan não lida com o mundo, sabe? Quer dizer, ele lida com o mundo de uma única forma: ele sai do hotel... Ele mora em hotel: ele dá 200 shows por ano, ele passa 250 dias do ano fora da casa dele, no mundo inteiro, em hotel. Ele sai do hotel às duas da manhã e caminha das duas às seis da manhã. Quatro horas. Vai em qualquer lugar, sozinho, em geral... Às vezes com uma mulher, porque ele é totalmente mulherengo... Mas muitas vezes sozinho e algumas raras vezes com alguém da *entourage* dele. Segurança quase nunca, raríssimo. E ele vai em favela, ele vai em tudo. Ele vai em tudo sozinho, de mão no bolso. Fala com mendigo, fala com gente na rua, é uma coisa inacreditável. Ele já foi preso três vezes andando na rua sem documento, aí diz: "Ah, eu sou o Bob Dylan". E o cara *(responde:)* "*(risos)* Sim, e eu sou o papa" e o levam preso. E ele é o Bob Dylan.

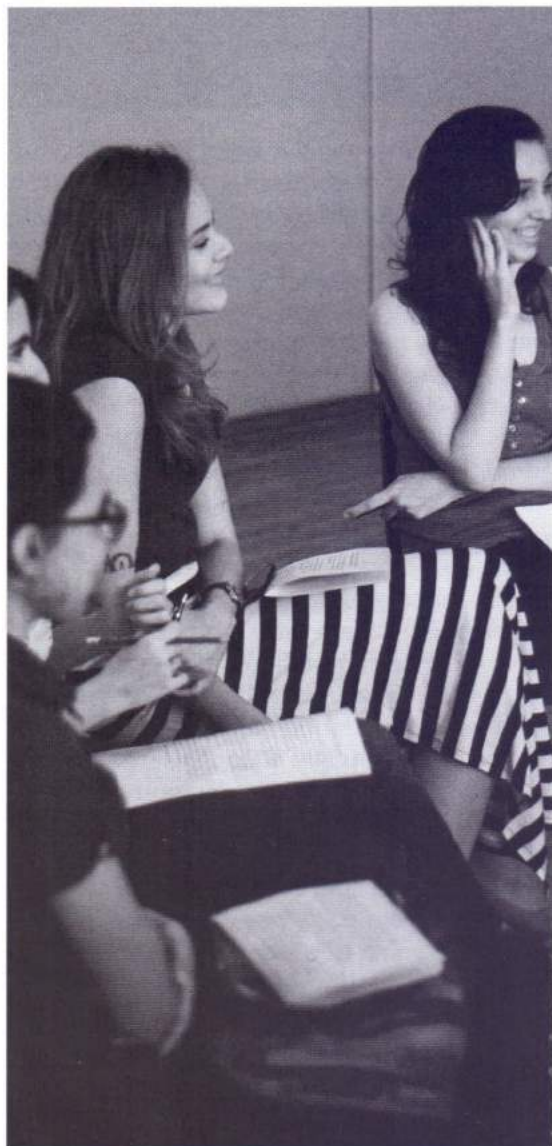
Mas, no mundo formal, ele mal consegue acender e desligar uma lâmpada. Alguns acham que ele é *idiot savant*, sabe? Que é o idiota gênio, tipo aquele Forrest Gump, de um outro jeito. A melhor imagem que eu tenho é a seguinte: a gente funciona em AM e o cara funciona em FM: então tu não consegues conectar. Ele está em outra. Ele está em outra, ele vive em outro plano. Ele diz há anos que um cara perguntou pra ele:

Na decisão de para onde iríamos, Eduardo – objetiva e imparcialmente – acatou a sugestão de Amanda, mesmo sem honestamente saber do que se tratava. "Amanda e eu decidimos que vamos para a Barraca da Boa", sentenciou.

Na hora do brinde, Peninha dá uma advertência a Jádriel por sua breve distração – o fato de encarar o copo ao erguê-lo – dizendo que brinde tem de ser no olho a olho. Um aprendizado sobre boemia e, por que não, sobre o jornalismo.

“Quantos anos tu tem?” E ele: “Mas que pergunta idiota. Faz muito tempo que eu não penso nisso”. E deve ser verdade, ele não deve saber quantos anos ele tem. Eu não estou brincando, entendeu? Ele está em outro plano de criação. Ele é foda, ele é foda! Você olha pro cara e se borra, se ele fizer “Ooh!” tu teugas nas fraldas.

O Victor tomou um pé na bunda dele e me ligou querendo escrever um livro totalmente vingativo e eu fui pros Estados Unidos, larguei tudo, larguei minha mulher, minha filha, coleção “Terra Brasilis”, o caralho... Pra convencê-lo de que seria ridículo ele escrever um livro porque... Tu queres que o Bob Dylan ainda seja legal? Tu queres que ele seja uma pessoa legal? Por que tu não queres que o Baudelaire tenha sido legal? Que o Picasso tenha sido legal? Por que tu não queres que o Rimbaud tenha sido legal? E gravamos 57 horas de fita e o Victor morreu, cara... O filho dele achou as fitas, que eu mandei a transcrição, e publicou faz um mês o livro dizendo “Um jornalista bra-



Na mesa de bar, a última confissão: um Eduardo tímido (e desconhecido) caminha sozinho em direção à praia para seu cigarro diário: “Tenho vergonha de fumar na frente das pessoas”.

“A melhor imagem que eu tenho é a seguinte: a gente funciona em AM e o cara funciona em FM: então tu não consegues conectar. Ele está em outra.”

sileiro gravou essas fitas”. Tá é o seguinte: foda-se. Eu não vou escrever. Talvez algum dia eu escreva sobre o Bob Dylan, o que o Bob Dylan significou pra mim, o meu Bob Dylan, entendeu?

Eu pretendo, algum dia, retomar a coleção “Terra Brasilis” algum dia com um volume V (quinto), que é a *França Antártica* – vai acabar a nossa conversa, porque ninguém aguenta mais. Mas é o seguinte: a coleção era pra ter sete volumes e eu vou fazer 15. Eu ameaço o Brasil com 15 volumes. São mais nove. E são todos do caralho, falando sério. Piratas no Brasil, descoberta do rio Amazonas, missões jesuíticas... Vai de 1500 a 1700, 15 volumes do tamanho do *Viagem do Descobrimento*. Antes disso eu vou fazer *Carioca* – são três volumes, que é história do Rio de Janeiro –, vou fazer *Paulista* – três volumes da história da cidade de São Paulo – e vou fazer *Gaúcho* – três volumes que é a história... Daí não é a história de Porto Alegre, porque Porto Alegre nem tem história pra contar, mas é a história do Rio Grande do Sul, é óbvio. Nenhum deles é o que parece ser em relação ao nome. *Carioca* é o Rio, não é o carioca. *Paulista* é o que os jesuítas chamavam de bandeirantes, porque os bandeirantes são uma invenção. Os jesuítas chamavam-nos de “os paulistas”, não é o paulistano nem nascido em São Paulo. E *Gaúcho*... Cara, gaúcho é uma palavra muito maluca cujo significado etimológico é um mistério, embora já esteja resolvido, mas ninguém tem coragem de dizer o que significa e eu não vou dizer, só no livro... E aí vou ter de ir embora.

Então é isso. Isso me dá projeto até os... Tenho 56, até os 65 anos. Depois de 65 vou só fumar maconha. No Nordeste. Em uma rede. Provando que amo este lugar. Aliás, amo mais que vocês todos juntos, seus... Não, mas que vocês todos juntos não, mas é o seguinte: fui muito feliz no Nordeste. Mui-

to feliz e muitas vezes. Fui muito, muito feliz aqui. *Pô*, fiquei uma semana no Raso da Catarina. Vi o nascer da lua em Jericoacoara. Fiquei lá com a Niède Guidon na Serra da Capivara... *Pô*, demais, que lugar, né? Depois vem os filhos da puta e vêm dizer que eu chamei o Nordeste de uma bosta (*gritando*). É uma bosta mesmo! O Nordeste é uma bosta! A última frase desta entrevista é "o Nordeste é uma bosta!"... Tu juras que tu terminas assim?

Hélio – Tu queres que termine assim?

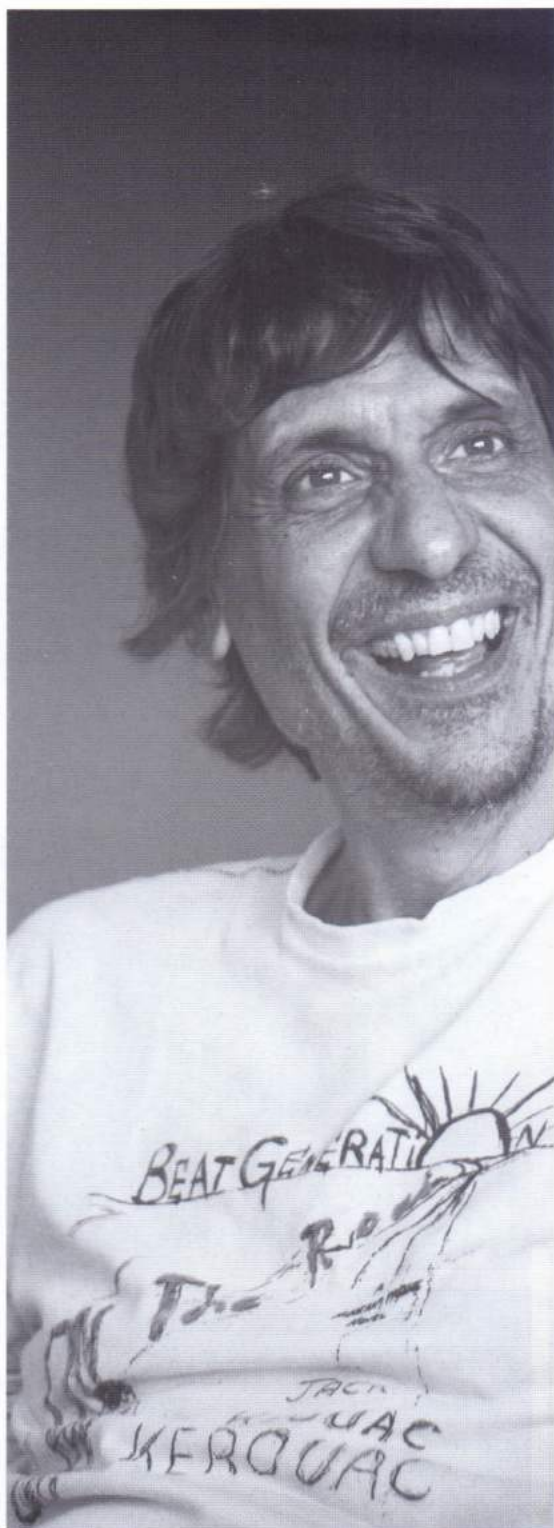
Eduardo – Se depois de tudo isso (*três horas de entrevista*) não der pra entender que é uma brincadeira...

Ronaldo – A entrevista do Xico Sá foram duas horas e vinte minutos, a sua foram três...

Eduardo – *Tá*, mas eu tenho muito mais conteúdo que o Xico Sá (*risos*). Eu sou uma pessoa com muito mais camadas que o Xico Sá. Xico Sá nasceu no Crato! Imagina uma pessoa que nasceu no Crato! Te põe no lugar!

(*O professor Ronaldo Salgado é natural do Crato*)

À porta do hotel, apertos de mão e abraços de despedida em agradecimentos saudosos de ambos os lados. Para citar Eduardo: não somos mais um grupo de humanos fazendo a mesma coisa (uma entrevista, um produto), mas um grupo de indivíduos que se *percebem*.



Ao longo das três horas de conversa, Eduardo acompanhou cada pergunta e intervenção com olhares atentos, afirmações alegres e sorrisos respeitosos. Impossível apontar se por educação, ansiedade ou candura, o jornalista se entregou à entrevista de corpo, alma, coração e manias.